FIEG

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Ano 61
 # 251
Abril 2013

DEZ ANOS DE ATRASO

Ainda sem um aeroporto decente, Goiás amarga perda de negócios e aumento de custos. O novo terminal só deve entrar em operação em 2015. Se nada atrapalhar...

ENTREVISTA

A incapacidade do poder público de planejar e construir um projeto de longo prazo para a segurança pública levou à falência do sistema, prevalecendo a "lei do salve-se quem puder", afirma o promotor de Justiça Bernardo Boclin Borges

Sesi Goiás
PESQUISA MOSTRA COMO VAI A SAÚDE DO TRABALHADOR

Senai Goiás
INDÚSTRIA APOSTA NA ASSESSORIA EM MANUTENÇÃO

Há 60 anos, o SESI melhora a qualidade de vida do trabalhador da indústria e de sua família.

cannes/dpp

Com o desenvolvimento de boas práticas de lazer nas empresas, o SESI promove melhoria das relações no ambiente de trabalho, na adoção de estilo de vida saudável e na qualidade de vida dos trabalhadores. Clubes com modernas instalações abrem suas portas para o industriário e sua família usufruírem momentos agradáveis de lazer.

SESI é mais Lazer, mais Esporte.

FIEG SESI

60 anos SESI

Onde tem **SESI**, a vida melhora.

www.sesigo.org.br

"O correto seria que o TCU chamasse à responsabilidade as empresas faltosas e permitisse que outras construtoras terminassem a obra. As populações de Goiânia e de Goiás agradeceriam."

Pedro Alves de Oliveira
Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás

AEROPORTO É SONHO DA SOCIEDADE

O aeroporto de Goiânia é a matéria principal desta edição da **Goiás Industrial**. Vale a pena conferi-la.

Ao ser inaugurado, no governo José Ludovico de Almeida, em 1956, era oficialmente denominado Aeroporto Internacional Santa Genoveva. Internacional indicava que por ele passariam regularmente linhas aéreas para outros países. Em seu redor, sobrava espaço para sua expansão física e presumia-se que, por sua importância, anunciado como "aeroporto auxiliar de Brasília", a nova capital federal ainda em construção, não lhe faltariam recursos públicos. Não obstante, ele nunca pôde ser citado como cartão postal desta cidade e sua falta de qualidade e de recursos se acentuou no último decênio.

Com uma estação aérea moderna e funcional, obviamente Goiás receberia muito mais eventos de grande porte e, porque não, a própria Copa das Confederações, as Olimpíadas e a Copa do Mundo?

Sua modernização, contudo, sempre foi motivo de lutas e reivindicações da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, de outras entidades coirmãs e, desde sua criação em 1999, do Fórum Empresarial.

A **Goiás Industrial** detalha, agora, a rotina diária do incômodo e desconforto impostos aos mais de 3 milhões de passageiros que, no ano passado, transitaram pelo aeroporto, repetindo crescimento há anos muito superior ao da maioria dos aeroportos brasileiros. Aqui, num saguão acanhado, que mais lembra uma rodoviária de interior, milhares de passageiros, entre turistas, homens e mulheres de negócios, continuam se apertando e tentando abrir caminho até o balcão da companhia aérea. O gargalo representado por estrutura muito aquém das necessidades de uma economia em rápido crescimento impõe limites ao desenvolvimento de negócios e às transações envolvendo produtos de alto valor agregado.

Com atraso de pelo menos dez anos, as obras do novo aeroporto foram paralisadas em 2007 e assim continuam. Os problemas nelas identificados levaram o Tribunal de Contas da União a incluí-las numa relação de 86 projetos sob suspeitas graves de superfaturamento, em 2006. Com essa decisão, quem está sendo punido não são os verdadeiros culpados mas a sociedade. O correto seria que o TCU chamasse à responsabilidade as empresas faltosas e permitisse que outras construtoras terminassem a obra. As populações de Goiânia e de Goiás agradeceriam. Mas o Tribunal limita-se a exigir o projeto completo, de forma a ter visão realista de seu custo global, para liberar a volta dos trabalhos.

Descumpridas todas as promessas das instâncias oficiais envolvidas nesse processo, a expectativa mais otimista é de que a obra fique pronta em meados de 2015, se nenhum outro contratempo ocorrer. Para tanto, seriam necessários investimentos próximos de R$ 300 milhões nas obras civis e R$ 60 milhões em infreaestrutura, com o custo final de quase R$ 500 milhões, perto do dobro da previsão inicial de R$ 257,8 milhões.

Goiânia merece um aeroporto que reflita o momento mágico que estamos vivendo, de crescimento econômico acima da média nacional.

índice»

CAPA

26 Na melhor das hipóteses, se nada atrapalhar, o novo aeroporto de Goiânia só deverá ficar pronto em 2015, num atraso de nada mais, nada menos do que dez anos. A retomada das obras, paralisadas em 2007, está prevista para o final de maio, mas também não há garantias sobre isso.

ENTREVISTA

8 Incapaz de planejar e construir um projeto de longo prazo para o setor de segurança pública, o que permitiria enfrentar a criminalidade de forma mais eficaz, o poder público levou o sistema à falência, abrindo espaço para que setores da sociedade comecem a fazer justiça com as próprias mãos, alerta o promotor de Justiça Bernardo Boclin Borges

IEL GOIÁS

13 Desenvolvido em Goiás, sob coordenação do Instituto Euvaldo Lodi, o Programa de Qualificação de Fornecedores (PQF) transformou-se em modelo para o País, agregando maior competitividade à indústria e garantia de qualidade no suprimento de insumos, bens e serviços

SESI GOIÁS

15 Pesquisa do Sesi acende sinal de alerta para a saúde do trabalhador na indústria, ao expor comportamentos quanto ao estilo de vida: 65,7% dos entrevistados não consomem frutas e verduras diariamente, 57,1% consomem refrigerantes mais de três vezes por semana, 81,5% não praticam atividade física suficiente para beneficiar a saúde e 9,6% são fumantes.

SENAI GOIÁS

19 Desde o ano passado, o Núcleo de Manutenção Industrial do Senai Goiás presta serviços de assessoria e consultoria, ajudando a indústria goiana a cortar custos, reduzir perdas e aumentar a eficiência na produção

PROJETO CNI/BID

21 Parceria com o Instituto Meccano de Tecnologia, da Itália, vai estabelecer as melhores rotas para o desenvolvimento tecnológico da indústria automotiva em Goiás, como parte do projeto desenvolvido a quatro mãos pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)

ICQ BRASIL

24 As mudanças incorporadas recentemente ao regimento geral do Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras da Construção Civil (SiAC) obriga empresas do segmento a adotar indicadores de sustentabilidade, exigindo ainda sua adequação à Política Nacional de Resíduos Sólidos

COMÉRCIO EXTERIOR

33 O papel de articulação desempenhado pelo Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fieg, órgão operacional do Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg (CTComex), contribui para a promoção do comércio exterior, fomentando cultura exportadora entre as empresas goianas

ENERGIA ELÉTRICA

38 Apesar das incertezas da eficácia que a medida ainda provoca, a redução das tarifas de energia elétrica foi em geral bem recebida pela indústria, com única exceção para as empresas que operam no setor de construção, geração, transmissão e distribuição de energia, que esperam queda nos investimentos naquelas áreas

COMPLEM

39 A Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem) investe na ampliação e modernização de suas instalações e monta estrutura para receber e armazenar grãos, fazendo sua estreia na agricultura

CONJUNTURA 2013

40 A queda na produção industrial no primeiro mês do ano não chegou a desanimar a indústria goiana, que ainda aposta num crescimento próximo a 6% em suas vendas neste ano, numa aceleração em relação ao incremento de 4,75% observado no ano passado

Errata>>

O nome da empresa Sansuy foi grafado de forma equivocada na matéria "A energia do leite", publicada na página 43 da edição 250 desta revista

expediente»

GOIÁSINDUSTRIAL

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Geraldo Neto

Edição
Lauro Veiga Filho

Subeditor
Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Pereira, Célia Oliveira, Daniela Ribeiro, Edilaine Pazini, Jávier Godinho, Nathalya Toaliari e Janaina Staciarini e Corrêa

Colaboração
Welington da Silva Vieira

Fotografia:
Sílvio Simões, Alex Malheiros e Sérgio Araújo

Capa e ilustrações
Gabriel Martins e Chico Santos

Projeto gráfico
Wesley Cesar

Diagramação e produção
Clarim Comunicação e Marketing
Rua S-6 nº 129, Sala 01, Setor Bela Vista
(62) 3242-9095
www.clarimcomunica.com.br
contato@clarimcomunica.com.br

impressão
Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:
Pedro Alves de Oliveira

Av. Araguaia, nº 1.544,
Ed. Albano Franco,
Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300
Fax (62) 3229-2975

Home page:
www.sistemafieg.org.br

E-mail
fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente:
Ubiratan da Silva Lopes

Av. Engº Roberto Mange,
nº 239-A, Bairro Jundiaí,
CEP 75113-630, Anápolis-GO
Fone/Fax (62) 3324-5768 /
3311-5565

E-mail:
nureaps@sistemafieg.org.br

SESI
Serviço Social da Indústria
Diretor Regional:
Pedro Alves de Oliveira
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL
Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL
Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretor: Justo O. D'Abreu Cordeiro
Superintendente: Tatiana Jucá

Diretoria da FIEG

Presidente
Pedro Alves de Oliveira

1º Vice-Presidente
Wilson de Oliveira

2º Vice-Presidente
Eduardo Cunha Zuppani

3º Vice-Presidente
Antônio de Sousa Almeida

1º Secretário
Marley Antônio da Rocha

2º Secretário
Ivan da Glória Teixeira

1º Tesoureiro
André Luiz Baptista Lins Rocha

2º Tesoureiro
Hélio Naves

Diretores
Segundo Braoios Martinez
Sandro Marques Scodro
Orizomar Araújo Siqueira
Ubiratan da Silva Lopes
Manoel Paulino Barbosa
Robson Peixoto Braga
Roberto Elias de L. Fernandes
José Luis Martin Abuli
Álvaro Otávio Dantas Maia
Eurípedes Felizardo Nunes
Jair Rizzi
Henrique W. Morg de Andrade
Eduardo Gonçalves
Leopoldo Moreira Neto
Flávio Paiva Ferrari
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Daniel Viana
Osvaldo Ribeiro de Abreu
Elvis Roberson Pinto
Eduardo José de Farias
Valdenício Rodrigues de Andrade
Ailton Aires de Mesquita
Hermínio Ometto Neto
Carlos Alberto Vieira Soares
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Josélio Vitor da Paixão
Jaime Canedo

Conselho Fiscal
Justo O. D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Mário Drummond Diniz

Conselho de Representantes junto à CNI
Paulo Afonso Ferreira
Sandro Antônio Scodro

Conselho de Representantes junto à Fieg
Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alyson José Nogueira
Álvaro Otávio Dantas Maia
Antônio Alves de Deus
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Cyro Miranda Gifford Júnior
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Cunha Zuppani
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Paiva Ferrari
Flávio Santana Rassi
Francisco Gonzaga Pontes
Gilberto Martins da Costa
Henrique Wilhem Morg de Andrade
Hermínio Ometto Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Ivan da Glória
Jaime Canedo
Jair Rizzi
João Essado
Joaquim Cordeiro de Lima
Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
José Alves Pereira
José Antônio Vitti
José Batista Júnior
José Divino Arruda
José Luiz Martin Abuli
José Romualdo Maranhão
José Vieira Gomide Júnior
Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Luiz Gonzaga de Almeida
Luiz Ledra
Luiz Rézio
Manoel Silvestre Álvares da Silva
Marley Antônio Rocha
Nilton Pinheiro de Melo
Olympio José Abrão
Orizomar Araújo de Siqueira
Paulo Sérgio de Carvalho Castro
Pedro Alves de Oliveira
Pedro Daniel Bittar
Pedro de Souza Cunha Júnior
Pedro Paulo Tavares Costa
Pedro Silvério Pereira
Plínio Boechat Lopes
Ricardo Araújo Moura
Roberto Elias de Lima Fernandes
Robson Peixoto Braga
Rodolfo Luis Xavier Vergílio
Sandro Antônio Scodro Mabel
Sávio Cruvinel Câmara
Segundo Braoios Martinez
Ubiratan da Silva Lopes
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wellington Soares Carrijo
Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente
Melchíades da Cunha Neto
Vice-Presidente
Ivan da Glória Teixeira

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente
Henrique W. Morg de Andrade
Vice-Presidente
Aurelino Antônio dos Santos

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente
Célio de Oliveira
Vice-Presidente
Álvaro Otávio Dantas Maia

Conselho Temático de Política Fiscal e Tributária
Presidente
Eduardo Zuppani
Vice-Presidente
José Nivaldo de Oliveira

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente
Sílvio Inácio da Silva

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente
Leopoldo Moreira Neto
Vice-Presidente
Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente
Antônio de Sousa Almeida
Vice-Presidente
Rosana Gedda Carneiro

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente
Igor Montenegro
Vice-Presidente
Ananias Justino Jaime

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente
Emílio Bittar
Vice-Presidente
José Carlos de Souza

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente
Leandro Almeida
Vice-Presidente
Agripino Gomes de Souza Júnior

Rede Metrológica Goiás
Presidente
Marçal Henrique Soares

Câmara Setorial de Mineração
Presidente
José Antônio Vitti
Vice-Presidente
Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG
Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG
Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Orlando Alves Carneiro Júnior
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO
Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN
Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 3225-9889

SINCAFÉ
Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Carlos Roberto Viana
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO
Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Gilberto Martins da Costa
Fone/Fax (62) 3224-8688
sindago@sistemafieg.org.br

SINDCEL-GO
Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
Sindcel.go@gmail.com

SINDIALF
Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA
Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Flávio Santana Rassi
Fone/Fax (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE
Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Elvis Roberson Pinto
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE
Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SIMELGO
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462 contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO
Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Olympio José Abrão
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTUME
Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO
Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE
Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 8422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA
Sindicato das Auto Reformadoras de Goiás
Presidente: Ailton Aires Mesquita
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS
Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Silvério Pereira
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO
Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703 sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG
Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO
Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUÍMICA-GO
Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: Jaime Canedo
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Arruda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO
Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: José Nivaldo de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siago@cultura.com.br

SIFAÇÚCAR
Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG
Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIMESGO
Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Welington Soares Carrijo
Rua Costa Gomes, nº 143
Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINROUPAS
Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO
Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177 contato@sinduscongoias.com.br

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiaí, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3324-5997
fieg.regionalanapolis@sistemafieg.org.br

SIAA
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA
Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO
Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Pres. – Ivan da Glória
Pres. executivo – Marçal Henrique Soares

SIMEA
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER-GO
Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA
Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SALVE-SE QUEM PUDER

Lauro Veiga Filho

Depois da privatização da segurança, à revelia do Estado, com a multiplicação de verdadeiras fortalezas urbanas, que mais se aproximam de presídios de segurança máxima, a sociedade passou a "privatizar" também a justiça penal, punindo criminosos com as próprias mãos, analisa o promotor de Justiça Bernardo Boclin Borges, titular do Centro de Apoio Operacional Criminal e do Controle Externo da Atividade Policial do Ministério Público de Goiás. Na raiz desse processo está a incapacidade do Estado de planejar e construir um projeto de longo prazo para a segurança pública e o combate à criminalidade, resultando na falência do próprio sistema. Prevalece, hoje, a "lei do salve-se quem puder", com consequências sociais gravíssimas, afirma Boclin nesta entrevista à Goiás Industrial.

Goiás Industrial – Como o sr. analisa a questão da segurança pública atualmente?
Bernardo Boclin Borges – Nós vivemos hoje uma situação complicada em relação ao sistema penal e à segurança pública no Brasil. Temos hoje um sistema que não pune ninguém e não há interesse em solucionar isso. Não há um grande projeto nacional para enfrentar essas questões. Temos ainda uma privatização da segurança, que na verdade já ocorre no País há muitos anos. Não sei se esta é exatamente a explicação, mas faço o seguinte questionamento: depois que saímos de um regime de exceção, quando não existiam garantias individuais, não passamos a ter um olho apenas para as garantias individuais e esquecemos a sociedade enquanto sujeito da lei, esquecemos a sociedade do cidadão de bem e passamos a pensar só no indivíduo e, a partir dali, principalmente com a reforma de 1984 do Código Penal, que foi uma reforma que inseriu muitos mecanismos de proteção ao indivíduo, nós passamos a experimentar um caminho complicado em termos sociais? Lembro-me que, na década de 1970, todas as residências do Setor Sul tinham muros com no máximo um metro de altura. Com o único objetivo de delimitar o espaço privado e o espaço público. E estamos falando de

"Alguns países têm mesmo planos de privatizar o setor de segurança, mas de forma planejada, não da forma como o Brasil está adotando, onde prevalece a lei do salve-se quem puder"

um período de pouco mais de 30 anos para sairmos de uma situação suportável de vida social para o caos que vivemos hoje.

Goiás Industrial – Não há um exagero nessa colocação?
Boclin – Você pode comparar uma residência de rua hoje em Goiânia a um presídio de segurança máxima norte-americano, com cercas elétricas, câmeras de segurança e um tipo de arame que você só vê em presídios militares, em campos de concentração. Privatizamos a segurança no Brasil. Hoje, no País, o cidadão gasta mais com sua segurança do que o Estado investe no setor. A realidade é que o Estado não protege o cidadão de bem, isso é o que nós estamos vivenciando hoje. No Brasil, a lei do salve-se quem puder.

Goiás Industrial – O sr. diria que a sociedade estaria, em termos institucionais, desprotegida?
Boclin – Completamente. Não é possível você viver num Estado em que uma pessoa comete 20 vezes o mesmo crime e o Estado não consegue conter essa ação. É um absurdo que não exista estrutura que permita conter uma ação criminosa, ao ponto de um cidadão, como já aconteceu, ser obrigado, depois de ter sua casa assaltada 13 vezes, a instalar uma armadilha para matar o ladrão. Essa situação configura o caos. Não há lugar no mundo em que não se consegue ter uma estrutura para conter ações criminosas e onde o cidadão de bem seja refém dos bandidos, como acontece hoje no Brasil. Temos 50 mil assassinatos por ano, o que é mais do que se mata na Síria, no Iraque, no Afeganistão. O Brasil, em termos absolutos, mata mais do que qualquer país que está em guerra declarada. Isso é absurdo.

Goiás Industrial – O que está na raiz desse problema?
Boclin – Primeiro, a falta de planejamento. Qual o grande projeto nacional de segurança pública? Nenhum. Qual o grande projeto prevendo que, daqui a 20 anos, teremos uma segurança pública de alto nível, o que estamos fazendo hoje para que isso ocorra? Nada. Há dez anos, tínhamos mais policiais efetivos do que hoje. Quem tem

a função constitucional de polícia ostensiva, de impedir que o crime aconteça, de estar presente nas ruas, de ser visível é a Polícia Militar. A instituição tem condições para exercer sua função constitucional? Não tem. Tanto é que o Brasil, hoje, tem mais seguranças privados do que policiais militares e estou falando de servidores regulares, sem considerar os que não estão registrados e, aí, deve dobrar esse número. Isso é privatização. A partir do momento em que ocorre o crime, a função de investigar é da Polícia Civil. E nossa polícia tem estrutura para isso? Observe quantas comarcas em Goiás hoje não têm delegados, quantas não têm agentes? É um número absurdo. Considere então o Instituto Médico Legal (IML), que deve produzir provas para o inquérito. Temos seções no Instituto da Política Técnico-Científica que precisarão de seis anos para colocar todo o trabalho em dia, mesmo que não recebam qualquer material novo para análise. É possível considerar plausível uma espera

de cinco ou seis anos para ter o resultado de uma análise? Isso é Justiça? Tanto é assim que o índice de resolução de homicídios no Brasil é inferior a 10%. Quem comete um crime no País tem mais de 90% de chance de sequer ser descoberto.

Goiás Industrial – E as demais instituições, como ficam?
Boclin – Na sequência, então, temos a fase da ação, sob responsabilidade do Ministério Público e do Poder Judiciário. O que fornece os instrumentos, as ferramentas para a ação daquelas instituições? A legislação. Mas a legislação no Brasil não permite a punição. Para que um sujeito condenado inicie o cumprimento de sua pena em regime fechado ele tem de ser condenado a mais de oito anos. São pouquíssimos os casos que permitem aplicar penas acima de oito anos. Para termos uma ideia, a pena para um homicídio simples começa de 6 e vai até 20 anos. Quantos e quantos júris participei em que o autor de homicídio simples foi condenado a seis anos e indiciado no (regime) semiaberto? A legislação possibilita que, no caso do principal crime, que atenta contra nosso principal bem, que é a vida, que a pessoa depois de matar seja condenada a seis anos. Ela pode começar a cumprir a pena em regime fechado, mas aí há mais um benefício. O cumprimento de um sexto da pena permite a progressão para o semiaberto. E mais. Temos locais, como Anápolis, em que não há local para o regime semiaberto. A pessoa comete um crime grave, que é o roubo, com traumas para a vítima, é condenada a sete anos e oito meses de prisão em regime semiaberto e vai para casa e nós não conseguimos fiscalizar.

Goiás Industrial – Essa situação expressa uma falta de interesse do poder público ou há outras causas?
Boclin – Falta de interesse. Em primeiro lugar, o brasileiro é o povo mais manso do mundo. Nenhum outro povo aceitaria uma situação como essa. Vemos com frequência na televisão cenas de pais de família queixando-se que pagam tanto imposto para ver seus filhos morrendo nas filas de hospitais por falta de médico. Só nós aceitamos isso. Se formos comparar, nossa carga tributária equivale à da Suécia, da Noruega. Vá ver como é o ensino público, a saúde e a segurança naqueles países. No Brasil, não há pressão e quem se beneficia dessa situação não vai mudar nunca. Não precisa ter planejamento. O orçamento no Brasil é dividido e parcelado entre os partidos para que gastem como quiserem.

Goiás Industrial – A legislação em vigor não resolve o problema?
Boclin – Não temos leis que permitam a condenação, a punição, ou que pelo menos funcionem naqueles casos em que há necessidade de restringir a liberdade – porque também não concordo que se confunda punição com prisão, porque são coisas diferentes. Hoje só teríamos controle em tese do réu que está preso. Mas a legislação não permite a prisão. A restrição da liberdade é a exceção, da exceção, da exceção, da exceção.

"Estamos todos em regime semiaberto, com direito a sair de casa, correndo o risco de ser morto, para levar o filho à escola, trabalhar e de voltar para casa. Por quê? Porque o Estado não consegue conter a ação criminosa"

Goiás Industrial – O sr. diz que essa dificuldade de aplicar a pena de prisão poderia ser parte de uma política para estimular a recuperação desse indivíduo, mas não é.
Boclin – O termo recuperar tem sido mal aplicado. O preso não é doente para ser recuperado. Quem comete crime sabe muito bem o que está fazendo. Pena é punição em todo e qualquer Direito. A aplicação da pena serve, portanto, para impedir que você volte a delinquir – e sob esse ponto de vista ela é um castigo e sempre foi assim em qualquer sociedade do mundo – e para que as outras pessoas, vendo você punido, não cometam crimes. Logicamente, quando o Estado decide restringir sua liberdade ele tem de tratar você com dignidade.

Goiás Industrial – O grande problema pode ser resumido na sensação de impunidade?
Boclin – Não é sensação, é certeza. Não posso admitir que alguém cometa 20 vezes o mesmo crime e que a polícia prenda 20 vezes um indivíduo como esse, que já tinha homicídio, que já tinha roubo, tráfico de drogas, que já tinha todos os crimes graves em sua ficha e que estava solto. Estamos num beco sem saída. Não há uma política para a construção de presídios. Temos uma visão equivocada da segurança pública. Temos leis que mandam liberar o preso, porque você resolve um problema imediato e depois complica tudo, como foi o caso da lei do bandido solto, que tentou esvaziar os presídios. Mas qual sua consequência? Aumenta a certeza de impunidade e temos um crescimento da criminalidade no momento seguinte, lotando os presídios novamente. Os presídios estão lotados hoje não porque temos uma legislação eficiente, mas por causa do volume de crimes cometidos e porque a rotatividade é muito grande. Não há nada no Brasil tão ruim que não possa piorar. Aqueles criminosos que ficam no sistema por pouco tempo, lá de dentro comandam o que eles querem: mandam matar, fazem tráfico de drogas. Quer dizer, é a falência total do sistema. Não é à toa que temos esses índices crescentes de violência. Não há nada por acaso. Não existe vácuo de poder. O que ocorre, então, é a substituição do Estado. Essa é uma característica nossa, de brasileiros, porque nós não cobramos e aceitamos tudo. Em qualquer outro lugar do mundo, isso seria motivo de colapso do sistema.

Goiás Industrial – Quais propostas deveriam ser encaminhadas para enfrentar isso?
Boclin – Modificar completamente o que se tem hoje. Um planejamento específico para 20, 30 anos de reestruturação da Polícia Militar. Não sei se vai ser a Polícia Militar ou não, mas o País precisa de uma polícia ostensiva, como há em todos os lugares. Uma reestruturação do sistema investigativo. Não podemos trabalhar com uma taxa de 8% de elucidação de homicídios. No Brasil, só há condições de se investigar e elucidar um crime quando há prisão em flagrante. Sem isso, há uma dificuldade muito grande. Precisamos ter condições, portanto, de elucidar os crimes e precisamos ter uma força, seja ela qual for, capaz de inibir a ação criminosa. E precisamos ter uma estrutura que puna adequadamente para que a pessoa que passou pela punição se sinta de fato inibida de praticar novamente o crime, seja com prisão, seja com multa, seja como for. O sistema está todo desestruturado.

Goiás Industrial – Isso pressupõe um sistema penitenciário que funcione e que seja capaz de prover ao preso as condições mínimas de dignidade.
Boclin – Claro. A partir do momento em que o Estado restringe a liberdade de uma pessoa, ela tem de ser tratada com dignidade. Se essa pessoa vai ficar um longo período na prisão e se o Estado puder dar condições para que ela, dentro do sistema penitenciário, consiga melhorar de vida,

"Não posso admitir que alguém cometa 20 vezes o mesmo crime e que a polícia prenda 20 vezes um indivíduo como esse, que já tinha homicídio, que já tinha roubo, tráfico de drogas, que já tinha todos os crimes graves em sua ficha e que estava solto"

isso é perfeito. Não posso permitir que ela tenha tratamento desumano e tenho que lhe dar condições de um dia ela sair melhor porque isso reverterá em benefício para a sociedade. Se dentro da prisão essa pessoa puder fazer um curso técnico, ótimo. Se puder utilizar esse tempo ocioso para estudar, para aprimorar seus conhecimentos e tornar-se uma pessoa melhor para que não volte a delinquir, perfeito.

Goiás Industrial – Seria preciso ter presídios em quantidade e em condições para atender a essa necessidade.
Boclin – Mas hoje não temos isso. O fato de sermos, nós brasileiros, o povo mais manso do mundo pode ser ruim por um lado, mas pode ser bom de outro. Na verdade, trata-se de um paradoxo. Somos os mais mansos no momento de reclamar nossos direitos e, em compensação, somos o que mais mata.

Goiás Industrial – Em Goiás, quais são os números da criminalidade?
Boclin – Esses índices vêm batendo recordes a cada ano porque não conseguimos conter o crime. No ano passado, apenas em Goiânia, foram mais de 500 homicídios, diante de 700 assassinatos em todo o Estado. O advento do crack trouxe um problema social, de saúde pública e criminal gravíssimo, sem precedentes. Nós não tínhamos isso. Hoje, o número de furtos, roubos, crimes contra o patrimônio praticados por usuários para manter o vício é algo absurdo. De forma oficiosa, mais de 80% dos crimes de homicídio têm relação com drogas lícitas e ilícitas, incluindo crack entre estas últimas e o álcool entre as primeiras.

Goiás Industrial – Qual a influência da educação nos índices de criminalidade?
Boclin – Sei que esse fator tem uma influência, mas como sou da área jurídica e da área criminal, não consigo medir essa influência. Digo apenas que, se tivéssemos uma estrutura que punisse adequadamente as pessoas, elas poderiam ter qualquer nível social e educacional, mas não cometeriam crimes. Se essa relação (educação e criminalidade) fosse integralmente verdadeira, não teríamos criminosos de colarinho branco e com muita educação. E digo mais: vai piorar, porque não existe um planejamento para reverter o quadro da criminalidade. A realidade no Brasil é a seguinte: para o bandido, direitos; para o cidadão de bem, obrigações. O que vemos hoje é consequência disso. Não existe ação, sem reação, e não existe vácuo de poder.

Goiás Industrial – Como isso tem se resolvido?
Boclin – Alguns países, como a Inglaterra, discutem a privatização da segurança. Mas não é o que o Brasil fez. Aqui, houve uma privatização na marra porque o cidadão percebeu que, se fosse depender do Estado, estaria morto. É o salve-se quem puder. A questão é que estamos passando por um processo pior, gravíssimo sob o ponto de vista social. Está em curso a privatização da Justiça penal. Entre num site de busca, escreva linchamento e você verá quantos casos aconteceram e continuam a acontecer. Isso é a população fazendo justiça com as próprias mãos. Estamos retornando a 2 mil anos antes de Cristo.

"A realidade no Brasil é a seguinte: para o bandido, direitos; para o cidadão de bem, obrigações. O que vemos hoje é consequência disso. Não existe ação, sem reação, e não existe vácuo de poder"

BENEFÍCIOS EM CADEIA

Programas de Qualificação de Fornecedores geram mais qualidade e estimulam negócios na relação comercial entre comprador e fornecedor

Célia Oliveira

Os programas de qualificação de fornecedores (PQFs) se multiplicam no País, sobretudo como resultado da crescente demanda de grandes empresas. Em Goiás, desenvolvidos sob coordenação do IEL, eles representam forte impacto no fortalecimento de cadeias produtivas e do setor industrial.

A abertura comercial que marcou o início da década de 1990 impôs à indústria o aumento de sua competitividade e a busca da inovação e, com isso, surgiram as primeiras iniciativas para a qualificação de fornecedores. Os PQFs nascem da identificação das necessidades de um ou de vários grandes compradores e do diagnóstico das carências e potenciais de pequenos fornecedores locais indicados por empresas produtoras. Do resultado dessa análise, é traçado e implementado um plano de qualificação. Cursos, seminários, consultorias especializadas, workshops e auditorias ajudam micro e pequenas empresas provedoras de serviços e/ou produtos a desenvolver e aplicar sistemas de gestão com foco na qualidade.

Todas as etapas de um PQF, que dura em média 12 meses, fazem com que os fornecedores entendam melhor seu negócio, sua gestão e conheçam de perto as necessidades das grandes companhias que são suas clientes. O programa ainda inclui aprendizagem em várias áreas da gestão, como a estratégica, a financeira, de pessoas, segurança e saúde do trabalho, logística, responsabilidade social e ambiental e comercial.

Usina da SJC Bioenergia: empresa entrou no PQF para profissionalizar prestadores de serviços nas área de plantio, tratos culturais e colheita da cana

AVANÇOS NO INTERIOR

Elaborado sob demanda de grandes indústrias para que essas capacitem seus parques fornecedores, o PQF ganha espaço em Goiás nos municípios onde o IEL tem unidades (Goiânia, Anápolis, Catalão, Luziânia, Itumbiara e Rio Verde) e em regiões circunvizinhas, como Quirinópolis, no Sudoeste goiano, que sedia a Usina SJC Bioenergia, indústria contratante do programa.

QUALIFICAR PARA PRODUZIR

Fundada em 2005, a SJC Bioenergia prevê para a safra 2013/14, em suas duas unidades industriais no Estado (Quirinópolis e Cachoeira Dourada), produção de 360 mil toneladas de açúcar, 200 milhões de litros de etanol e 300 mil MW de energia elétrica e, para isso, tem a necessidade de profissionalizar os prestadores de serviços, principalmente na área de plantio, trato e colheita da cana. “Com o PQF temos mais

José Garcia, da Serra Vermelha Serviços Agrícolas, e a mulher, Rosa: competitividade com qualidade e pontualidade

segurança da continuidade e qualidade do serviço prestado", aponta o gerente de suprimentos e contratos da SJC, Jean de Oliveira. De acordo com ele, a usina percebeu melhoria na metodologia de trabalho, na organização e no comprometimento dos fornecedores participantes.

Oliveira revela como uma das mudanças no relacionamento da usina e seus fornecedores a segurança no cumprimento dos contratos e acordos. "Em seguida, a transparência nessa relação comercial, permitindo a discussão técnica das oportunidades de negócios."

Expandir conhecimento, aprimorar e atender melhor ao cliente SJC eram expectativas da Serra Vermelha Prestação de Serviços Agrícolas, alcançadas com o programa. Ser competitiva no segmento, ter qualidade, pontualidade, sair da zona de conforto e ampliar negócios, enumera o sócio diretor, José Garcia. Com cinco anos de mercado, a pequena empresa familiar aumentou o faturamento criando condições para tal. Segundo Garcia, esse crescimento significa poder de negociação, credibilidade e solidez.

Jean de Oliveira, da SJC Bioenergia: garantia de continuidade e da qualidade no serviço prestado

PARA MUITOS, PARA TODOS

Sabendo das carências dos fornecedores locais, o Porto Seco Centro-Oeste, em Anápolis, investiu e mobilizou empresas para o PQF, tendo formado, no final de 2012, a segunda turma. "Com o programa, vemos hoje empresas integradas", comemora o superintendente, Edson Tavares.

Com ampla extensão, o PQF abrange micro e pequenas empresas de diversos segmentos. No rol de fornecedores qualificados há panificadoras, transportadoras, papelarias, embalagens, gráficas, confecções, serviços e, saúde. A Unimed Anápolis, por exemplo, está sempre em busca da melhoria de seus serviços, segundo seu diretor, João Amélio da Silva, "porque vendemos saúde". Ele explica que a cooperativa participou do programa porque busca aperfeiçoamento e quer seus clientes satisfeitos. "O PQF nos auxiliou com a revisão de nossos processos, extinguindo vícios, falhas nas atividades, tocou bastante em todos nossos processos de atendimento junto aos clientes internos e externos", acrescenta Silva.

Com a sensibilização e com o sucesso das duas turmas, o entreposto alfandegário prossegue com novo grupo de fornecedores em qualificação. "Seremos sempre parceiros do IEL para dar essa colaboração de extrema importância às empresas locais", reconhece o superintendente Tavares.

No PQF, "pequenas e médias empresas fornecedoras, quando qualificadas, encontram-se em condições de competir, criar novos negócios, conquistar mercados e atender com qualidade de grandes grupos empresariais instalados em suas regiões", complementa o superintendente do IEL Goiás, Humberto de Oliveira.

"O PQF nos auxiliou com a revisão de nossos processos, extinguindo vícios e falhas nas atividades"

***João Amélio da Silva**, diretor da Unimed Anápolis*

SINAL DE ALERTA PARA SAÚDE DO TRABALHADOR

Diagnóstico expõe estilo de vida dos trabalhadores: 65,7% não consomem frutas e verduras diariamente, 81,5% não praticam atividades físicas

Daniela Ribeiro

A saúde do trabalhador goiano requer ações voltadas para a qualidade de vida e, consequentemente, para maior produtividade nas empresas. É o que indica pesquisa realizada pelo Sesi no ano passado com 15.358 colaboradores da indústria no Estado, o que representa 4% do universo de 346,7 mil funcionários do segmento no Estado, registrados no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Um dado preocupante diz respeito ao absenteísmo, que causa prejuízo ao Brasil de US$ 19 bilhões ao ano, segundo estimativa do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID). O levantamento do Sesi, denominado Diagnóstico da Saúde do Trabalhador, do Programa Indústria Saudável, mostra que 22% dos entrevistados já faltaram ao trabalho por algum motivo relacionado à saúde e revela alta incidência de doenças crônicas não transmissíveis, que representam as principais causas de morte e afastamento do ambiente de trabalho, como problemas de coluna (7,8%) e obesidade (15,6%).

Em outro dado negativo, o diagnóstico aponta ainda que 22,3% dos entrevistados tiveram medida de pressão arterial alterada, dos quais 18,7% nunca haviam se referido a diagnóstico médico anterior de hipertensão.

Opção saudável: empresas reformulam cardápio, como no Cifarma, onde trabalha a nutricionista Paula Rocha Rodrigues

MAPEAMENTO GRATUITO

A pesquisa foi realizada entre os dias 1º de março e 15 de dezembro de 2012, em 40 empresas do Estado. Por meio desse diagnóstico, o Sesi oferece às indústrias, de forma gratuita, um mapeamento da saúde do trabalhador, ao identificar as doenças de maior frequência, causando impactos à saúde e, em consequência disso, perda de produtividade para as empresas.

SERVIÇOS DO SESI PARA QUALIDADE

Além de detectar a realidade de cada empresa por meio do Diagnóstico da Saúde do Trabalhador, do Programa Indústria Saudável, o Sesi oferece serviços e atividades que promovem a qualidade de vida e o bem-estar dos funcionários do segmento. Em suas dez unidades espalhadas por Goiás e também nas próprias indústrias, a instituição realiza uma série de programas, como ações educativas em saúde e segurança no trabalho, medicina ocupacional e assistencial. O gerente de Saúde do Sesi Goiás, Marco Antônio Naves, diz que é possível perceber, entre trabalhadores e empresários, mudança de mentalidade e aumento de interesse em relação à saúde e à qualidade de vida. "Já recebemos várias propostas para instalação de consultório odontológico e oftalmológico móvel dentro das indústrias atendidas", afirma.

PARA REDUZIR O ABSENTEÍSMO

Na realização do diagnóstico, o Sesi vai até a empresa aplicar um questionário que busca conhecer a saúde e estilo de vida do trabalhador e oferece diversos atendimentos de saúde, como teste de glicemia, medidas antropométricas (que aferem peso, altura e Índice de Massa Corpórea), pressão arterial, avaliação odontológica (índice cariogênico) e distribuição de material educativo e preventivo sobre as doenças relacionadas aos diagnósticos realizados.

"É importante frisar que os dados coletados na pesquisa são sigilosos e utilizados apenas para a emissão do relatório que norteará as ações do Sesi Goiás durante essa etapa do processo", acrescenta Marco Antônio Naves. Após o levantamento das condições de saúde dos trabalhadores, a instituição entrega o resultado tabulado da pesquisa para que o empresário conheça a realidade de sua empresa.

Equilíbrio no prato: boa alimentação contribui para reduzir riscos à saúde do trabalhador

O serviço é oferecido sem custos para as indústrias interessadas. "Além do benefício do serviço gratuito, a ação ocorre dentro da própria empresa e tem como meta diminuir o absenteísmo no trabalho, ocasionado por problemas de saúde. E isso, consequentemente, aumenta a produtividade", ressalta.

Materiais Elétricos
e Automação Industrial

Ajel, a melhor e a mais completa.

Contribuindo para o desenvolvimento
do setor industrial com eficiência

AJEL
AUTOMAÇÃO INDUSTRIAL

(62) 3526.7500
www.ajel.com.br

Marques Comunicação | 62 3287 0022

MAIS E MELHORES ESCOLAS

Em 2013, ano em que comemora 60 anos, o Sesi Goiás anuncia investimentos para ajudar a melhorar a realidade educacional em Goiás. Em todo o Estado, serão investidos R$ 17 milhões na ampliação, adequação, reforma de unidades e construção de novas instalações. A instituição pretende lançar este ano a pedra fundamental de uma escola de referência, que será construída no Jardim Colorado, na Região Noroeste de Goiânia. A unidade terá capacidade para atender 700 alunos na Educação Básica, do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio Articulado com a Educação Profissional, tendo por finalidade o desenvolvimento pleno do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, modalidade desenvolvida em parceria com o Senai.

AVANÇOS NA EDUCAÇÃO

Na área de educação, em que o Sesi atua nos principais polos industriais do Estado, o levantamento Diagnóstico da Saúde do Trabalhador apontou aumento de 42,4% no número de participantes que concluíram o ensino médio em um ano. Em 2011, 30,4% haviam estudado até o segundo grau, índice que saltou para 43,3% em 2012. No mesmo período, o índice de 15,5% que responderam não ter concluído o ensino fundamental caiu para 14%. Em relação ao ensino superior completo, houve avanço de 43,75%, saltando de 6,4% para 9,2%.

Para acompanhar o avanço da indústria em Goiás, que requer cada vez mais colaboradores capacitados, o Sesi e o Senai, em trabalho integrado, têm investido na formação básica e profissional nas cidades que sediam os principais polos industriais do Estado. O trabalhador e seus dependentes são o foco principal das ações do Sesi Goiás nas modalidades de Educação Básica e Educação Continuada, oferecidos gratuitamente. Os colaboradores podem estudar seja nas unidades do Sesi, seja em turmas instaladas nas indústrias e em outros locais.

MUDANÇA DE HÁBITOS

Josefa Medeiros de Moura: ginástica laboral, caminhadas e alimentação balanceada

Além da alta ocorrência de doenças não transmissíveis, o Diagnóstico da Saúde do Trabalhador, do Programa Indústria Saudável, expõe comportamentos preocupantes quanto ao estilo de vida dos trabalhadores. Os índices revelam que 65,7% dos entrevistados não consomem frutas e verduras diariamente, 6,4% consomem sal em excesso, 57,1% consomem refrigerantes mais de três vezes por semana, 81,5% não praticam atividades físicas em quantidade suficiente para beneficiar a saúde, 61,3% não praticam atividades físicas no lazer e 9,6% são fumantes.

Para combater os índices negativos, empresas como Cifarma, indústria farmacêutica localizada em Goiânia, investem em ações que promovem a qualidade de vida dos colaboradores. Os trabalhadores da fábrica participaram do levantamento realizado pelo Sesi em 2011. Os resultados obtidos foram importantes, segundo a gerente de Gestão de Pessoas, Josefa Medeiros de Moura, para que fosse possível planejar ações que beneficiem os funcionários.

Os cerca de 800 funcionários da Cifarma fazem ginástica laboral diariamente, participam de caminhadas promovidas pela empresa e têm acesso a alimentação balanceada, no refeitório instalado dentro da indústria. Além de farta oferta de verduras e frutas durante o almoço, os trabalhadores também podem optar pelo Prato Light, projeto que oferece uma porção de arroz integral, uma carne grelhada e salada. Josefa explica que a iniciativa foi realizada depois da constatação de grande número de colaboradores que preferiam alimentos mais saudáveis.

RETORNO A CURTO PRAZO

A designer Lindamar Nishimoto aderiu ao Prato Light desde o início. Com mudança de hábitos, como alimentação saudável e também atividade física, ela conseguiu emagrecer 12 quilos. "Consumindo um cardápio equilibrado, sinto que fico mais disposta até para trabalhar", diz a trabalhadora. Josefa Medeiros de Moura, gerente de Gestão de Pessoas da Cifarma, ressalta que, quando a empresa investe no colaborador, ela tem retorno em curto prazo. "A responsabilidade da indústria não se restringe apenas a evitar o adoecimento do trabalhador. O funcionário saudável física e psicologicamente tende a ser mais proativo", afirma Josefa.

"Consumindo um cardápio equilibrado, sinto que fico mais disposta para trabalhar"

***Lindamar Nishimoto**, designer da Cifarma*

O diagnóstico>>

- Trabalhadores pesquisados: **15.358**
- Empresas participantes: **40**
- Municípios participantes: **16** (Aparecida de Goiânia, Goiânia, Anápolis, Itumbiara, Trindade, Indiara, São Luís dos Montes, Jataí, Itumbiara, Pirenópolis, Alto Horizonte, Crixás, Hidrolândia, Goianira, Quirinópolis e Santa Helena de Goiás)
- Dos **15.358** trabalhadores que participaram do diagnóstico, **68,5%** são homens e **31,5%**, mulheres.

Ações saudáveis>>

Confira alguns serviços oferecidos nas unidades do Sesi e nas indústrias:

- Laboratórios de análises clínicas;
- Odontologia nas unidades fixas e móveis;
- Unidade móvel de oftalmologia
- Saúde educativa e preventiva em odontologia;
- Teatro na Empresa, com apresentação de peças sobre diversos temas, como doenças sexualmente transmissíveis, uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) e qualidade de vida;
- Campanhas diversas, como combate à dengue, à tuberculose, ao tabagismo, ao alcoolismo;
- Ações educativas em saúde e segurança no trabalho, medicina ocupacional e assistencial;
- Academias nas unidades e em algumas indústrias, como Sama Minerações e Consciente Construtora
- Ginástica laboral nas indústrias
- Clubes para atividades de lazer
- Atividades esportivas, como natação, futsal, tênis
- Jogos municipais, estaduais, regionais e nacionais do Sesi
- Programa Cozinha Brasil

Como está a saúde do trabalhador da indústria goiana>>

- Problemas de coluna: **7,8%**
- Hipertensão: **6,1%**
- Tendinite ou LER: **2,5%**
- Depressão: **2,0%**
- Doença renal: **0,8%**
- Diabetes: **1,4%**
- Estão obesos: **15,6%**
- Não consomem frutas e verduras diariamente: **65,7%**
- Consomem sal em excesso: **6,4%**
- Consomem refrigerantes mais de três vezes por semana: **57,1%**
- Não praticam atividades físicas em quantidade suficiente para beneficiar a saúde: **81,5%**
- Não praticam atividades físicas no lazer: **61,3%**
- São fumantes: **9,6%**
- Consomem bebidas alcoólicas em excesso: **2,8%**
- Não consultaram o médico nos últimos 12 meses: **18,2%**
- Não consultaram o dentista nos últimos 12 meses: **35,4%**
- Usaram 2 ou mais medicamentos nos últimos 15 dias: **7,3%**
- Não possuem plano de saúde: **20,5%**

POR UMA INDÚSTRIA MAIS EFICIENTE

Implantado em 2011, o Núcleo de Manutenção Industrial do Senai Goiás oferece serviços de assessoria técnica que contribuem com o aumento da competitividade das empresas

Andelaide Lima

Números da pesquisa Mapa da Manutenção realizada anualmente pela Associação Brasileira de Manutenção (Abraman) não deixam dúvida sobre a decisão da indústria de investir cada vez mais nesta área para resolver a equação que mobiliza as empresas: diminuir custos, reduzir perdas e aumentar a eficiência da produção.

A pesquisa mostra que, em 2012, a indústria do setor movimentou cerca de R$ 145 bilhões, 21% a mais do que em 2009, quando as empresas aportaram R$ 120 bilhões na área. O crescimento está ligado ao aumento da produção e aos investimentos para evitar paradas não programadas e acidentes ambientais. Os dados indicam ainda que as empresas investem cada vez mais em manutenção para aumentar a produtividade e a eficiência de seus processos produtivos.

De olho no crescimento do setor, o Senai Goiás presta serviços de assessoria e consultoria focados na gestão da manutenção industrial, com ações que incluem criação, inovação, melhoria de processos e produtos. Iniciadas no ano passado, as atividades já beneficiaram 15 empresas, com bons resultados. Coordenador de Serviços Técnicos e Tecnológicos do Senai, Fábio Pires diz que a cultura da manutenção entre as indústrias goianas ainda é incipiente, mas a tendência é que esse cenário mude.

Fábio Pires: "Para competir no mercado globalizado, as empresas precisam diminuir custos, reduzir perdas e aumentar a eficiência da produção"

MENOS DESPERDÍCIO E MAIS LUCROS

"Para competir no mercado globalizado, as empresas precisam diminuir custos, reduzir perdas e aumentar a eficiência da produção. Para tanto, elas têm de manter seu maquinário em perfeitas condições e uma das soluções é a implantação de um Programa de Planejamento e Controle da Manutenção (PCM)", afirma Pires. O coordenador explica que o PCM é um sistema de gestão da qualidade da manutenção que tem por objetivo organizar e direcionar as ações da equipe de mantenedores industriais. "O programa pode gerar ganhos consideráveis, como aumento da produtividade e da disponibilidade de maquinários em até 30%, redução de custos e desperdícios também em até 30%, aumento de 20% nos lucros, além de redução de acidentes de trabalho e de impactos ambientais", observa Fábio. O núcleo oferece ainda serviços de manutenção preditiva, corretiva e preventiva, análise térmica e de vibração, e implantação do programa Manutenção Produtiva Total (TPM), outra ferramenta de qualidade para o setor.

EXTRAÇÃO DE AREIA COM MENOR IMPACTO AMBIENTAL

Há 27 anos no mercado, a Tarcal – Transportes e Material de Construção atua com extração e comercialização de areia. Em novembro, a empresa buscou apoio do Senai para implantação do projeto de automação industrial de sua mineração no município de Piracanjuba. "Vamos trabalhar com um novo processo de extração de areia em solo e subsolo, sem precisar dragar rios, o que irá gerar menos impactos ambientais. A equipe do Senai fez um excelente trabalho, com execução de todo projeto elétrico, instalação de painéis e cabeamentos, e manutenção em máquinas e equipamentos. Além disso, quando precisamos de algum suporte, os técnicos estão sempre à disposição para atender. O próximo passo agora é a implantação na indústria do plano de manutenção preventiva e corretiva que o Senai propôs", conta o empresário Rodrigo Pereira Diniz, socio-proprietário da Tarcal.

Rodrigo Diniz, sócio-proprietário da Tarcal: excelente projeto de automação industrial

SOB CONTROLE

Em agosto, o Grupo GSA, indústria de alimentos em Aparecida de Goiânia, recebeu consultoria do Senai para instalação do software Sigma, sistema de gerenciamento de manutenção com aplicativos e recursos internos que possibilitam o planejamento, a programação e o controle da manutenção por meio da geração de gráficos e relatórios. "Utilizamos uma linha piloto de produção e cadastramos todos os equipamentos no software. Com isso, poderemos fazer um acompanhamento geral de todas as máquinas", diz Yure Rodrigues Faria, planejador de produção da indústria.

A implantação do sistema prevê a redução de custos, ganho de produtividade, melhor utilização do tempo para planejamento, além de ações preventivas e corretivas. "Vamos treinar os operadores de manutenção para utilização do programa, que deve entrar em operação no primeiro semestre".

Yure Rodrigues, do Grupo GSA: consultoria do Senai para implantação de um sistema de gerenciamento de manutenção

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Além de atuar na área de gestão da manutenção, o Senai Goiás oferece também amplo portfólio de serviços técnicos e tecnológicos com foco nos segmentos de alimentos e bebidas, automação, design de calçados, vestuário e moveleiro, meio ambiente, informática e segurança do trabalho.

A área de assessoria técnica desenvolve ainda importante produto para as empresas interessadas em investir em inovação e tecnologia. Trata-se do Edital Sesi Senai de Inovação – iniciativa de âmbito nacional que oferece suporte técnico e financeiro para elaboração de projetos de inovação tecnológica e social.

Com 31 anos de atuação no mercado de cosméticos, a Wydet foi uma das seis indústrias goianas que tiveram projetos aprovados na edição 2012 do edital. Em parceria com a Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna, de Goiânia, a empresa irá desenvolver um dermocosmético para auxílio no tratamento da desidrose – doença que causa lesões na pele das mãos e dos pés.

"Estamos na fase de testes em laboratório, mas tenho certeza de que o produto será um sucesso de vendas e beneficiará centenas de pessoas que sofrem com a desidrose. Temos todo apoio do Senai, desde a realização do estudo de mercado até a campanha de marketing para lançamento do produto, prevista para acontecer em janeiro de 2013", adianta a empresária Neila Gonçalves, proprietária da Wydet.

NOVA CARA PARA A INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

Parceria com a Itália vai definir prioridades na área tecnológica de forma a estimular ganhos de produtividade para montadoras e seus fornecedores em Goiás

Janaina Staciarini

Na carona do acelerado crescimento por que passa o segmento automotivo em Goiás, parceria internacional promete mudar a cara da cadeia produtiva no Estado, cujos integrantes anunciam planos bilionários para os próximos anos. Só a Mitsubishi estima investir R$ 1 bilhão em cinco anos para ampliar a capacidade de produção da montadora de Catalão, nacionalizar produtos importados e lançar novos veículos.

Para viabilizar o acordo de cooperação com a Itália, no âmbito do Projeto CNI/BID (Confederação Nacional da Indústria e Banco Interamericano de Desenvolvimento), Goiás recebeu, entre 28 de janeiro e 1º de fevereiro, visita de representantes do Instituto Meccano de Tecnologia. Letizia Urbani, diretora geral, e Domenico Pettinati, diretor comercial, estiveram em Goiânia, Catalão e Anápolis. Na ocasião, foi feito um estudo de mercado para que os executivos conhecessem as potencialidades industriais do Estado. Eles também visitaram unidades do Senai que atendem às indústrias, empresas ligadas ao setor automotivo, além de manter diálogo com o governo, empresários e representantes de sindicatos.

Complexo industrial da Mitsubishi, em Catalão: proximidade de parque tecnológico reduz custos logísticos e fomenta desenvolvimento de pesquisa e inovação

UMA ÂNCORA TECNOLÓGICA

A parceria internacional é destinada a analisar a necessidade tecnológica das indústrias automotivas instaladas em Goiás, de modo a conhecer de forma estruturada tanto a demanda quanto a oferta de serviços destinados ao atendimento do setor. A consultoria italiana também complementará a iniciativa do Senai no sentido de gerar dados factíveis que contribuam para o melhor planejamento e instalação de um Instituto Senai de Tecnologia.

A partir da vinda a Goiás e dos contatos realizados, os representantes do Instituto Meccano farão estudo preliminar a fim de saber a melhor forma de fomentar a cadeia automotiva

no Estado. De acordo com Letizia Urbani, a grande demanda de serviços exige a estruturação de uma rede de fornecedores locais qualificados e dedicados ao setor automotivo, mas com a possibilidade de trabalhar no campo mais amplo da metalomecânica. Ela defende ainda reforço da estratégia para implantação de um centro tecnológico âncora, com base em Goiânia, mas com seus próprios laboratórios "satélites" em Catalão.

Letizia, Wilson Oliveira e Pettinato: reunião entre diretores do Instituto Meccano e o vice-presidente da Fieg

NOVOS HORIZONTES PARA SETOR PLÁSTICO

De acordo com Olympio José Abrão, presidente do Sindicato das Indústrias de Materiais Plásticos do Estado de Goiás (Simplago), a chegada ao Estado das montadoras Mitsubishi e Hyundai já havia criado demanda por mão de obra especializada e também de fornecedores periféricos, os sistemistas. Ele reconhece que a indústria de transformação de plásticos em Goiás tem perfil voltado quase que exclusivamente à fabricação de embalagens para a indústria alimentícia, construção civil e agronegócio, mas enxerga novos horizontes. Abrão observa que a iniciativa da Fieg de trazer a missão de empresários italianos, para mapear e prospectar o setor, vem ao encontro de meta traçada pelo Simplago. "Nosso setor tem muito a contribuir com a cadeia automotiva. Queremos diversificar e tornar nossas indústrias aptas a fornecer para esse mercado", afirma.

Olympio Abrão: planos de diversificação para atender ao mercado das montadoras

REDE DE SERVIÇOS TECNOLÓGICOS

O setor automotivo em Goiás, hoje, conta com expressiva planta industrial, incluindo máquinas e implementos agrícolas e, por sua dinâmica econômica e tecnológica, requer suporte de instituições de alta performance. Um dos parceiros do projeto, o BID enxerga a iniciativa como passo importante para traçar uma linha de atuação estratégica da FIEG, em conjunto com o governo de Goiás, para apoio ao setor automotivo e às demais cadeias produtivas agroindústrias do Estado.

Ismael Gílio, especialista sênior do Fomin/BID, que está à frente do projeto CNI/BID, espera que essa parceria gere a definição e estruturação de uma rede de oferta de serviços tecnológicos em metalmecânica, que poderá servir de plataforma para a expansão quantitativa e qualitativa do setor automotivo, e igualmente para o fortalecimento das cadeias produtivas globais agroindustriais, em que os serviços de tecnologia metalmecânica poderão atuar transversalmente.

O governo de Goiás é outro parceiro fundamental. Isabella Jayme de Angelis, assessora da Secretaria de Indústria e Comércio, garante que haverá o apoio que for preciso para o que vier de resultado do estudo do Instituto Meccano. "Seja com incentivos fiscais, financeiros ou outra forma de parceria". Ela considera extremamente importante que os sistemistas sejam capacitados por instituições como o Senai, que já tem o respaldo do mercado e das indústrias.

MITSUBISHI E A PERSPECTIVA DE DOBRAR PARQUE

Na perspectiva de dobrar seu parque industrial, a Mitsubishi, com sede em Catalão, é uma das empresas que apoia a parceria desde seu início. Gerente de Qualidade da fábrica, William de Aquino justifica que um parque tecnológico próximo à indústria reduziria custos logísticos, além de fomentar o desenvolvimento de pesquisa e inovação. "Desde que a Mitsubishi chegou à região, sempre primamos pelo desenvolvimento não apenas da marca, mas também da cidade de Catalão e do Estado de Goiás, como um todo. Por isso, estamos acompanhando, participando e contribuindo no Projeto de Desenvolvimento Territorial do Segmento Automotivo Goiano, já que acreditamos que, dessa maneira, continuamos ajudando no desenvolvimento de toda a região", argumenta.

No âmbito do Projeto Desenvolvimento Territorial, em parceria com o governo de Goiás, foi definida a realização de visita técnica à Coreia do Sul, denominada "Missão de Benchmarking Empresarial". Prevista para ser realizada em abril de 2013, essa missão tem por foco a análise das melhores práticas desenvolvidas por aquele país asiático nos setores automotivo, máquinas e equipamentos agrícolas, além de reciclagem industrial sustentável.

Fábrica em Catalão: parque tecnológico na região reduzirá custos logísticos para a indústria

O PROJETO CNI/BID

Desde 2009, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) vem implementando o Programa de Apoio às Iniciativas de Competitividade Local, denominado Projeto Desenvolvimento Territorial (DT). Financiado pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), o projeto tem desenvolvido ações de estímulo à competitividade de setores considerados estratégicos para quatro Estados: Goiás (cadeia automotiva), Pernambuco (metalmecânico), Acre (arranjos produtivos locais de madeira e móveis) e Espírito Santo (arranjos produtivos locais de rochas ornamentais).

Além disso, o programa visa desenvolver um modelo de ação integrada das entidades do Sistema Indústria em parceria com atores regionais, empresariais e institucionais, públicos e privados, para contribuir na promoção das vantagens competitivas dos territórios identificados e, sobretudo, de micro, pequenas e médias empresas consideradas estratégicas para o programa.

O INSTITUTO MECCANO

O Instituto Meccano foi criado para ser um centro de inovação tecnológica para as empresas de pequeno porte do setor de engenharia industrial e metalmecânica na Região PIM-Marche. É um centro de serviços para a indústria de pequenas e médias empresas que visa à promoção, ativação e coordenação de inovação na indústria. Além de ter uma estrutura composta por técnicos altamente qualificados e tecnologia de ponta, o centro funciona em conjunto com especialistas de empresas, universidades e instituições científicas nacionais. Isso leva a um fluxo continuamente atualizado de tecnologia e conhecimento científico em inovação em engenharia.

A principal função do Instituto Meccano, que tem sua sede na cidade de Ancona, Itália, é atender às necessidades das empresas da região, por meio de projetos de inovação tecnológica e formação de especialistas. Além disso, são oferecidos serviços de certificação de qualidade de produtos e processos, realização de testes e suporte para obtenção de marcas internacionais, por meio do Instituto Europeu de Qualidade.

MAIOR RIGOR NA CONSTRUÇÃO

Setor terá de utilizar indicadores de sustentabilidade e cumprir determinações da Política Nacional de Resíduos Sólidos

As indústrias do setor de construção terão de adotar indicadores mais rigorosos de sustentabilidade em seus canteiros de obras. Em vigor desde 5 de março deste ano, essas e outras mudanças foram incorporadas ao regimento geral do Sistema de Avaliação da Conformidade de Empresas de Serviços e Obras da Construção Civil (SiAC), que abriga "os requisitos para que uma construtora ou incorporadora, por exemplo, estabeleça um Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) muito semelhante ao proposto pela NBR ISO 9001:2008", afirma Dayana Costa Freitas Brito, do ICQ Brasil. O SiAC, acrescenta ainda, corresponde ao regimento do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H).

A aplicação e mensuração desses indicadores, envolvendo uso de água, consumo de energia e gestão de resíduos, passam a ser obrigatórias para o setor de edificações e facultativa para os demais subsetores da indústria, incluindo obras lineares e localizadas de saneamento básico, obras de arte e viárias. Neste último caso, as empresas poderão utilizar indicadores específicos para aqueles tipos de empreendimentos. Entre outros requisitos, Dayana chama a atenção para o cumprimento igualmente mandatório das exigências da Política Nacional de Resíduos Sólidos, lembrando que o Plano de Qualidade da Obra deverá especificar a destinação adequada dos resíduos sólidos e líquidos gerados pela construção civil, em consonância com as legislações municipais, estaduais e federal aplicadas ao meio ambiente. "A partir de agora, a obrigação por seguir a legislação está bem clara no SiAC e é certamente o que vai gerar maior impacto positivo. Obras em geral mal administradas são sinônimos de desperdício de recursos e consequentemente geração de muitos entulhos e resíduos. A redução de custos também significa reduzir os impactos ambientais", comenta.

Wellington Guimarães de Freitas, coordenador técnico do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), aponta que as empresas do setor poderão agora apenas declarar sua adesão ao PBQP-H, que caminha, na sua avaliação, para se tornar uma norma mais voltada para a gestão do meio ambiente, da segurança no trabalho e de responsabilidade social. A certificação das empresas é voluntária, mas Freitas lembra que este é um requisito presente em algumas licitações, por órgãos financiadores, como a Caixa Econômica Federal, e especialmente pelo programa Mina Casa, Minha Vida.

No canteiro: plano de qualidade deverá especificar destinação adequada para resíduos

COMUNICADO

O escritório CARRARO ADVOGADOS ASSOCIADOS informa a mudança de sua sucursal na capital federal, que passou a funcionar em sua sede própria, no seguinte endereço:

SIG, Qd. 01, Lt. 495, Sl. 128, Ed. Barão do Rio Branco, CEP: 70.610-410, Brasília – DF.

O escritório CARRARO ADVOGADOS ASSOCIADOS informa ainda que foi classificado no Anuário 2012 da Revista Análise Advocacia como um dos escritórios mais admirados do país, alcançando a primeira posição na categoria Escritório Regional no Estado de Goiás.

Recebemos com muita humildade, mas também com muita satisfação, este reconhecimento público que consagra um projeto que começou há 21 anos baseado na preocupação em atender tão bem nossos clientes como gostaríamos de ser atendidos.

Agradecemos publicamente a cada colaborador que soube dividir conosco o ideal de servir de forma honesta e simples a nossa clientela.

Aos nossos clientes, agradecemos o carinho e a confiança que depositaram em nós; mas, principalmente, lhes prestamos nossa homenagem pela coragem de terem acreditado em nossa proposta de trabalho (e de vida) baseada em sólidos princípios de honestidade, trabalho árduo e capacitação técnica. Obrigado, mesmo!

Goiânia, março de 2.013.
Carraro Advogados Associados

CARRARO
21 Anos
Advogados Associados

TAM
TAM

ATÉ QUANDO?

COM ATRASO DE PELO MENOS 10 ANOS, O NOVO AEROPORTO DE GOIÂNIA SOMENTE DEVERÁ ENTRAR EM FUNCIONAMENTO POR VOLTA DE 2015

continua>>

A cena já é bastante conhecida e tem sido reprisada a cada dia, desde que as obras de construção do novo terminal foram paralisadas, lá se vai uma meia dúzia de anos. Num saguão acanhado, que mais lembra uma rodoviária de interior, centenas, milhares de passageiros, entre turistas, homens e mulheres de negócios, se apertam tentando abrir caminho até o balcão da companhia aérea. Vencido esse primeiro obstáculo, trata-se agora de conseguir chegar até o salão de embarque e amargar mais algum tempo, geralmente em pé, já que não há acomodações para todos os passageiros nos momentos de maior fluxo.

A se dar crédito às previsões mais recentes, o projeto do novo terminal do Aeroporto de Goiânia estará instalado até dezembro do ano que vem, mas somente deverá entrar em operação em meados de 2015, caso não ocorram outros imprevistos. Iniciadas há oito anos, as obras foram paralisadas em 2007 e continuam inacabadas, depois de adiamentos diversos, numa sequência de infortúnios que incluiu a suspensão pelo Tribunal de Contas da União (TCU) do contrato original, firmado com o consórcio Odebrecht/Via Engenharia, por suspeita de sobrepreço, e, anos depois, a retomada do projeto original com o mesmo consórcio antes colocado sobre suspeição pelo tribunal.

Os transtornos, no entanto, não se limitam ao incômodo e desconforto impostos aos mais de 3 milhões de passageiros que, no ano passado, transitaram pelo aeroporto. O gargalo representado por uma estrutura há muito aquém das necessidades de uma economia em rápido crescimento impõe limites ao desenvolvimento de negócios e às transações envolvendo produtos de alto valor agregado, que utilizam a via área para venda e distribuição aos principais mercados domésticos e à exportação e, com maior destaque, para a importação de insumos e componentes essenciais ao funcionamento da indústria.

ELES PREFEREM SÃO PAULO...

O couro não é a única ligação entre a italiana Conceria Cadore, curtume instalado na região de Arzignano, na Itália, e a HTL International, um dos líderes mundiais no setor de tingimento da matéria-prima e maior fabricante global de sofás de couro, com sede em Cingapura, com receitas anuais na casa dos US$ 580 milhões e negócios em mais de 50 países. Empresários das duas empresas, em ocasiões diferentes, preferiram evitar o pouso em Goiânia e manter negociações com a goiana Coming em São Paulo mesmo.

No primeiro caso, relata Emílio Bittar, um dos sócios do curtume goiano e presidente do Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg (CTComex), "o empresário italiano alegou que perderia muito tempo no aeroporto". Já o grupo asiático prefere realizar todos os encontros de negócio com a Coming na capital paulista. "O cliente se recusa a vir a Goiânia e o nosso aeroporto é uma das causas", afirma Bittar. Na sua avaliação, a inoperância do velho terminal tem afetado negativamente a economia ou pelo menos a velocidade dos negócios e o novo projeto talvez represente apenas uma solução paliativa. "Precisávamos todos, empresários, governo, sociedade, juntar forças para que o projeto (do novo terminal) seja atualizado e concluído rapidamente", defende Bittar.

MOVIMENTO MAIS DO QUE DOBROU

O fluxo de passageiros no velho e ultrapassado Aeroporto Santa Genoveva cresceu, entre 2006 e 2012, numa velocidade maior do que a média registrada no restante dos terminais brasileiros. No primeiro ano da série, quando o TCU já contestava a contabilidade do novo projeto, passaram pelo aeroporto goiano 1,376 milhão de passageiros, entre embarques e desembarques. Esse número mais do que dobrou nos seis anos seguintes, quando as obras estiveram paralisadas, atingindo quase 3,077 milhões de pessoas em 2012 – um salto de 123,6%. No mesmo intervalo, o total de passageiros no País aumentou 89%, saindo de 102,185 milhões para 193,119 milhões, segundo estatística da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero).

A participação de Goiás na movimentação de passageiros aéreos no Brasil avançou de 1,35% para 1,59%, ainda aquém da fatia ocupada pelo Estado na economia brasileira. O número de ae-

ronaves que pousaram no aeroporto goiano aumentou 66,7% no mesmo período, para 71.030 no ano passado, transportando, em média, 43 passageiros por voo, cerca de 34% a mais do que em 2006, quando essa média havia sido de pouco mais de 32 passageiros por avião. A movimentação de cargas cresceu 48,2% no mesmo período, aproximando-se de 8 mil toneladas.

Sala de espera: aeroporto recebeu e despachou mais de 3 milhões de passageiros no ano passado

MUITO ESFORÇO PARA NADA

"Se fosse para enumerar, esse seria o pior problema para o Estado, porque afeta sua economia, suas empresas e todas as pessoas que precisam viajar", dispara o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg (Coinfra), Célio de Oliveira, referindo-se, obviamente, ao aeroporto goiano. Para o empresário, as autoridades deveriam se obrigar a uma reflexão sobre o caso, já que os quase seis anos de paralisação das obras do novo terminal vão significar um custo final "duas ou três vezes maior".
Ironicamente, aponta ainda, a suspensão dos trabalhos havia sido motivada exatamente por suspeitas de superfaturamento. "A construção está parada, ninguém foi punido e as autoridades, na minha visão, não conseguiram provar nada", alfineta.

Além da média>>

(Fluxo de passageiros no Aeroporto de Goiânia cresce mais do que no Brasil)

Movimentação	2006	2012	Variação
Aeronaves	42.612	71.030	+66,7%
Carga (toneladas)	5.360,60	7.944,68	+48,2%
Passageiros (Aeroporto de Goiânia, em milhares)	1.376,38	3.076,86	+123,6%
Passageiros (Brasil, em milhares)	102.185,38	193.119,37	+89,0%
Passageiros por aeronave (Aeroporto de Goiânia)	32,3	43,3	+34,1%

Fonte dos dados brutos: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero)

Embarques e desembarques>>

(Número de passageiros embarcados e desembarcados em Goiânia e no País, valores em milhões)

Período	Brasil	Goiânia	Participação
2006	102,185	1,376	1,35%
2007	110,570	1,546	1,40%
2008	113,264	1,554	1,37%
2009	128,136	1,772	1,38%
2010	155,364	2,349	1,51%
2011	179,949	2,802	1,56%
2012	193,119	3,077	1,59%

Fonte dos dados brutos: Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero)

Gargalo para o comércio>>

(Exportações mais importações realizadas por via aérea a partir de Goiás, valores em US$ milhões, e participação na corrente de comércio do Estado)

Período	Corrente de comércio – total	Corrente de comércio – via aérea	Participação
2006	3.085,69	410,68	13,30%
2007	4.886,71	512,77	10,49%
2008	7.141,95	659,06	9,23%
2009	6.467,65	840,74	13,0%
2010	8.219,97	1.142,24	13,90%
2011	11.333,62	1.179,21	12,28%
2012	12.260,29	1.502,39	12,70%
Variação 2012/2006	+297,33%	+279,20%	-0,6*

(*) Ponto porcentual
Fonte dos dados brutos: Secretaria de Comércio Exterior (Secex)

Célio de Oliveira, do Coinfra: falta de um aeroporto tornou-se o "pior problema para o Estado"

SEM ESPAÇO PARA CARGAS

Entre outros gargalos, os empresários goianos identificam ainda o espaço modesto destinado a aeronaves de carga no terminal, o que tem provocado atrasos e prolongado o processo de recebimento e despacho de bens e insumos. "O pátio para operações de carga e descarga é muito pequeno e comporta apenas dois aviões por vez", afirma Emílio Bittar, presidente do CTComex.

Bittar defende a internacionalização do novo terminal, o que evitaria o passeio de produtos, com consequente encarecimento no já elevado custo logístico do Estado. Segundo ele, a opção escolhida por várias empresas, para escapar da baixa capacidade em Goiânia, inclui o transporte da produção por rodovia até o aeroporto de Viracopos, em Campinas, em São Paulo, num trajeto de quase 830 quilômetros.

Além disso, comenta o presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Ivan da Glória, faltam escalas de voos cargueiros com destino ao aeroporto de Goiânia, que também não dispõe de espaço para armazenagem de mercadorias. Isso gera complicações quando a operação é realizada em regime CIF, com o frete até o local de destino embutido no preço da mercadoria, caso das importações realizadas pela indústria farmacêutica.

Ivan da Glória, do Sindifargo: falta escala de voos cargueiros para Goiânia, complicando a operação de importação de insumos

QUASE 13% DO COMÉRCIO EXTERNO

Entre 2006 e 2012, a movimentação de cargas no Aeroporto de Goiânia experimentou crescimento de 48%, evolução mais tímida do que a observada para o total de passageiros. Segundo dados da Infraero, o volume de cargas naquele período avançou de 5,361 mil para 7,945 mil toneladas em valores arredondados. Mas esse número havia sido maior em 2011, quando chegaram a ser movimentadas perto de 9,201 mil toneladas. No ano passado, portanto, o fluxo de cargas emagreceu 13,7%.

Na soma de exportações e importações, o aeroporto chegou a responder por 12,7% da corrente goiana de comércio exterior em 2012, segundo estatísticas da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Em valores, transitaram por ali o equivalente a US$ 1,557 bilhão no ano passado, quase 12% a mais do que em 2011, num salto de 279% frente aos US$ 410,676 milhões em exportações e importações realizadas por via área em Goiás em 2006. As importações aumentaram 316% desde 2006 até o ano passado, saltando de US$ 360,965 milhões para US$ 1,502 bilhão.

MAIS RÁPIDO E MAIS BARATO. EM BRASÍLIA

A precariedade das instalações atuais no aeroporto, observa Melchiades da Cunha Neto, da Scitech Medical, cria outra dificuldade ao complicar a ampliação na oferta de voos, especialmente no caso de linhas diretas com os maiores centros urbanos no Sul e no Nordeste do País. "Houve ocasiões em que preferi ir de carro até Brasília e tomar o avião de lá. É mais rápido e mais barato", comenta.

Especializada em produtos de alta tecnologia utilizados em procedimentos cirúrgicos minimamente invasivos, a Scitech precisa utilizar regularmente aviões para o transporte de equipamentos para atender a casos de urgência ou de emergência em hospitais fora do Estado. Com poucas opções de voo, a alternativa não custa pouco para a empresa, afirma Cunha

Neto. "Além disso, temos dificuldades para deslocar funcionários entre Goiânia e outras regiões onde a empresa atua. Não há conforto para os passageiros e produz-se um caos nos momentos de maior fluxo de pessoas", acrescenta.
Na sua avaliação, no entanto, o pior estrago tem sido produzido contra a imagem do Estado. "Especialistas, executivos e empresários de fora do País têm uma impressão muito ruim, que não condiz com o tamanho de nossa economia", arremata.

Newton Pereira, do Goiânia Convention e Visitors Bureau: "Projeto ficou defasado e não vai contemplar a demanda"

CUSTO FINAL DEVERÁ QUASE DOBRAR

Descumpridas todas as promessas até aqui feitas pelas várias instâncias de governo envolvidas no processo, a expectativa mais otimista é de que a obras do novo terminal estejam concluídas possivelmente em meados de 2015, se nenhum outro contratempo ocorrer até lá. A Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero) e o consórcio formado pela Via Engenharia e Odebrecht, responsável pela implantação do novo terminal, deverão ter entregado ao Tribunal de Contas da União (TCU) o projeto executivo e o orçamento final do empreendimento no dia 19 de março, segundo Gustavo Schild, superintendente regional do Centro-Oeste da Infraero.
Na fase anterior, quando houve a primeira licitação, levou-se em conta apenas o projeto básico, relembra Schild. Agora, o TCU quer ter em mãos o projeto completo, de forma a ter uma visão mais realista do custo global do projeto antes de aprová-lo e autorizar a retomada dos trabalhos, o que já deveria ter acontecido em maio do ano passado, segundo cronograma divulgado em novembro de 2011.
Ainda não há dados fechados, mas segundo o assessor parlamentar da Infraero, José Eduardo Bernart, espera-se um investimento próximo a R$ 300 milhões nas obras civis do terminal e mais R$ 60 milhões em infraestrutura, elevando o custo final do novo aeroporto para quase R$ 500 milhões – ou quase duas vezes a previsão inicial, firmada em R$ 257,8 milhões.

O terminal inacabado e o aeroporto acanhado: TCU quer ter visão geral dos custos antes de aprovar a retomada do projeto

NOVA EXPANSÃO JÁ PROGRAMADA

Com capacidade para 5,7 milhões de passageiros, de acordo com Gustavo Schild, a primeira etapa do novo terminal deverá estar concluída ali por meados de 2015, embora o cronograma revisado, apresentado pela Infraero ao governo do Estado em 22 de fevereiro, preveja o reinício das obras para 30 de maio próximo e sua conclusão 18 meses depois, o que colocaria a data final entre novembro e dezembro de 2014. A assinatura do aditivo que permitirá a retomada

dos trabalhos deverá ocorrer até 15 de maio.
Essa primeira fase do projeto, retoma Schild, deverá respeitar estritamente o que estava previsto no projeto original, mas a Infraero, "pensando em 2020", complementa, já trabalha na ampliação do novo terminal. "O projeto é modular e comporta a expansão planejada", reforça o superintendente da Infraero.
A pista atual, com 2,5 mil metros de comprimento e 45 metros de largura, será aproveitada, assim como terminal antigo, que continuará servindo à aviação comercial. Será construída uma pista para taxiamento e apoio paralela à já existente e nas mesmas dimensões e características, com capacidade para atender a situações de emergência. O terminal, além de espaço para o aeroshopping e área de alimentação, comportará, inicialmente quatro fingers, prevendo-se o acréscimo de mais três até 2020, de acordo com Schild.

Gustavo Schild, da Infraero: fim das obras em 2014 e início das operações previsto para meados do ano seguinte

CAMPANHA PELO NOVO TERMINAL

O presidente do Goiânia Convention e Visitors Bureau, Newton Emerson Pereira, aponta um "descaso grande" no tratamento dispensado pelo governo federal ao Estado, no caso da construção do novo terminal e também na reforma da pista atual, já em fase de execução. "O fluxo de passageiros no aeroporto de Goiânia, que recebeu a pior avaliação entre todos os terminais aéreos do País, foi um dos que mais cresceu e o projeto ficou defasado e não vai contemplar a demanda", avalia.
Pereira antecipa que o Convention Bureau está preparando uma campanha publicitária "para estimular um movimento da sociedade organizada em defesa da implantação acelerada do novo aeroporto". De acordo com ele, as instalações atuais têm criado dificuldades para a captação de eventos de maior porte, para 4 mil a 5 mil pessoas. "Nessas negociações, a capacidade de nosso aeroporto sempre acaba sendo questionada e perdemos o evento para outras capitais", acrescenta.
No caso da reforma da pista, que vem sendo executada pela EPC Construções Ltda entre 21h10 e 7h10, com previsão de conclusão para o final de maio, num investimento de R$ 9,7 milhões, Pereira calcula que deixarão de ser ofertados perto de 180 mil assentos, o que trará "prejuízos incalculáveis, não que se limitam ao turismo, mas atingem os negócios de forma geral".

SUSPEITAS, JÁ EM 2006

Os problemas identificados nas obras de construção do novo terminal levaram o TCU a incluí-la numa relação de 86 projetos com suspeitas graves em 2006. Uma inspeção havia constatado 13 irregularidades, das quais 11 haviam sido classificadas como mais sérias pela corte. Num exemplo de superfaturamento, analistas da instituição observaram sobrepreço de R$ 35,7 milhões num trecho escolhido como amostra, um aumento de 33% em relação ao valor contratado originalmente. Em 114 serviços especificados em contrato, 18 não haviam sido realizados, embora tivessem sido pagos.

O ESFORÇO EXPORTADOR

Parceiros de peso, Fieg, CNI, Sebrae Goiás, SIC e Apex Brasil tentam sedimentar o caminho das empresas goianas rumo ao mercado internacional

O Conselho Temático de Comércio Exterior da Fieg (CTComex) e seu órgão operacional, o Centro Internacional de Negócios (CIN), que assumiu papel de articulação entre os diversos organismos de alguma forma relacionados com o setor externo, decidiu apostar em parcerias relevantes para desenvolver cultura exportadora entre as empresas do Estado. A expectativa é de que o resultado seja a ampliação da base de companhias com expertise no mercado internacional, além de aparelhá-las para crescer num ambiente de extrema competição.

Presidente do CTComex, Emílio Bittar considera que a articulação entre governo e entidades do setor privado talvez tenha sido "uma das melhores iniciativas para a promoção do comércio exterior". Entre outras razões, Bittar destaca a possibilidade de as empresas candidatas a exportadoras terem à disposição um arsenal de ferramentas desenvolvidas, isoladamente ou em parceria, pelo CIN e pelo Sebrae Goiás.

"Todas essas ações passam a convergir na mesma direção, em busca de resultados concretos na área internacional, com apoio ainda da Secretaria de Indústria e Comércio", afirma Bittar. A empreitada conta com suporte igualmente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), por meio de sua rede de centros internacionais espalhados pelo País, e da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil).

No porto: trabalho conjunto para estimular cultura exportadora em Goiás

UM TRABALHO DE "FORMIGUINHA"

A parceria entre Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), Sebrae Goiás e Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN), avalia Alexandre Baldy, titular da secretaria, permitiu introduzir nova dinâmica nas negociações comerciais desenvolvidas por empresas goianas no mercado internacional, fornecendo-lhes o apoio necessário para atingir objetivos que dificilmente conseguiriam sozinhas. "A repercussão desse trabalho tem sido positiva no sentido de que assim podemos atrair investimentos e ajudar nossos empresários a se internacionalizar", diz Baldy.

A união de forças entre esses diversos parceiros, prossegue o secretário, trouxe maior capilaridade às políticas de promoção comercial, com efeitos sobre a própria base de exportadores, com a entrada de novos participantes que de

Emílio Bittar, do CTComex: articulação do CIN contribui para promoção do comércio exterior

outra fora não teriam estrutura para participar do mercado externo.

Natália Costa Carvalho, gerente de Inteligência Comercial Competitiva da SIC, destaca ainda a possibilidade de fomentar a cultura exportadora entre empresários e executivos, por meio da participação em feiras e eventos internacionais, "num trabalho de formiguinha". Entre 2001 e 2012, o número de empresas exportadoras passou de 149 para 243, atingindo o pico de 286 exportadores em 2007.

O número de produtos exportados pelo Estado mais do que dobrou, saltando de 401 para 924, destinados a 161 países, diante de apenas 88 no início da década passada. A participação de Goiás nas exportações brasileiras, da mesma forma, avançou de 1,02% para 2,80%. "Devemos lembrar que a fatia brasileira nas exportações mundiais também gira em torno dos 2%", aponta Natália.

PROGRAMA INTENSO NO PRIMEIRO SEMESTRE

Apenas neste primeiro semestre, estão programadas cinco missões, duas delas realizadas em março. Na primeira, entre os dias 5 e 9, um grupo de 31 empresários participou da CeBIT 2013, em Hannover, na Alemanha, em missão técnica prospectiva realizada pela Fieg, por meio do CIN, com apoio do Sebrae Goiás. Quase na mesma época, entre 6 e 14 de março, empresas goianas do setor de cosméticos participaram da edição 2013 da Cosmoprof, na Itália. O calendário da SIC contempla ainda missão comercial à Turquia, com passagens por Istambul e Ancara, de 20 a 26 de abril, e previsão para mais duas viagens, em maio para Reino Unido e Escócia, com foco nos setores de alimentos, bebidas e energias renováveis, e em junho, provavelmente entre 16 e 23, à Rússia, essa dedicada às indústrias farmacêuticas e de produtos biomédicos, tecnologia da informação e agronegócios (grãos e carnes).

A HORA DO ENSAIO CHEGOU AO FIM

Todos os esforços do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae Goiás), afirma seu diretor-superintendente, Manoel Xavier Ferreira Filho, têm sido direcionados à abertura e ao desenvolvimento de mercados, aqui dentro e lá fora, para micro e pequenas empresas. Mas o foco, principalmente quando se trata do mercado internacional, tem sido direcionado para a necessidade de desenvolvimento de estratégias duradouras, baseadas em um trabalho contínuo de aperfeiçoamento nas áreas de gestão, produção, design e de políticas comerciais, reforça Ferreira Filho.

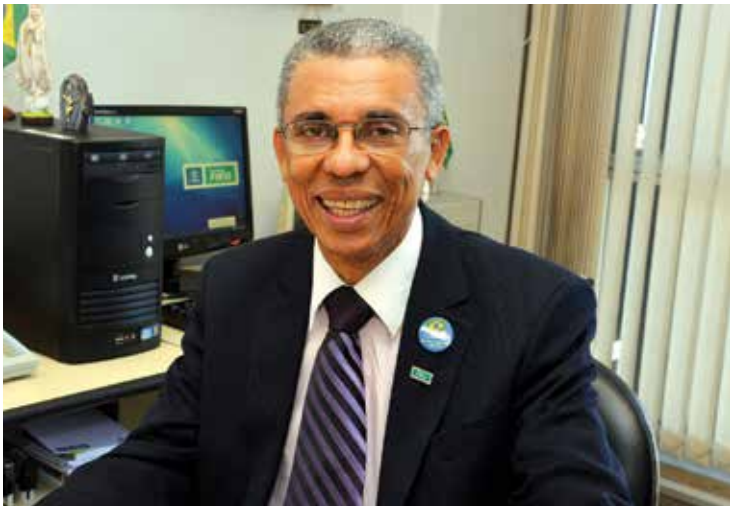
As empresas de menor porte, reconhece o superintendente, ainda registram participação pequena nas exportações e nas importações do Estado e o desafio colocado a todos os parceiros, nessa área, é o de promover um trabalho de formação de vocações exportadoras. Isso exigirá treinamento, consultoria, capacitação e incremento da participação do segmento nas

missões técnicas e comerciais. As empresas, por seu lado, terão de se preparar internamente, adequar seus produtos às exigências do mercado e buscar entender sua clientela, sua cadeia de suprimentos, com olhar atento à concorrência.
Para dar suporte a esse trabalho, que deve ser "contínuo e não apenas um ensaio", reforça Ferreira Filho, o Sebrae oferece, entre outras ferramentas, um sistema on-line de autodiagnóstico, que abre a possibilidade de a empresa avaliar seus preços de venda, os fatores que influenciam seu negócio, verificar o estágio de aplicação de normas de segurança exigidas internacionalmente e a qualificação de sua mão de obra.

Manoel Xavier, do Sebrae Goiás: desenvolvimento de estratégias duradouras para o mercado internacional

UMA NOVA RELAÇÃO COM O MERCADO

A participação em congressos e feiras fora do País, afirma o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindiquímica), Jaime Canedo, tem contribuído para alterar profundamente a qualidade da relação entre empresas e mercado. "Esse tipo de experiência permite uma avaliação mais real do estágio da empresa e a incorporação do que se poderia chamar de noção de globalidade, com mudanças efetivas na condução e no formato dos nossos negócios", avalia.
Empresas como Ki-Jóia, controlada pelo próprio Canedo, Toollon, Wydet Cosmético e Vitalife, entre outras, deram início a processos internos de mudança que resultaram, em sua porção mais visível, na implantação de novos layouts, adoção de designs diferenciados e desenvolvimento de sites mais arejados e modernos. O site da Ki-Jóia, num exemplo citado por Canedo, passou a incorporar três idiomas além do português, incluindo versões em espanhol, inglês e mandarim.
Entre 6 e 14 de março, o Sindiquímica e o Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN), com apoio da ApexBrasil e do Sebrae Goiás, levaram à Cosmoprof, uma das maiores feiras da indústria mundial de cosméticos, perfumaria, estética e cuidados corporais, em Bologna, na Itália, missão formada por um grupo de dez empresas goianas.



"Esse tipo de experiência permite uma avaliação mais real do estágio da empresa e a incorporação do que se poderia chamar de noção de globalidade"

***Jaime Canedo**, presidente do Sindiquímica*

Vitalife Cosméticos: mudanças internas e participação em feiras internacionais como a Beauty Fair, em São Paulo

MISSÃO ESTRATÉGICA ATÉ NOS DETALHES

Estrategicamente, além das possibilidades de contatos e negócios durante a Cosmoprof, os empresários tiveram a tarefa de fazer avaliações de caráter meramente técnico a respeito de cada indústria visitada. "Analisamos quatro tópicos bem específicos, envolvendo lançamento e inovação de produtos, embalagens e equipamentos, logística e como a empresa opera nos segmentos de marketing e merchandising em ponto de venda", detalha Canedo. As anotações serão consolidadas pelo sindicato após o retorno ao Brasil num caderno a ser distribuído às demais empresas do setor no Estado.

NANOPARTÍCULAS PARA GANHAR QUALIDADE

Há mais de duas décadas no mercado, a Toollon Cosméticos Naturais investe, em parceria com a Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Fieg e Sebrae, no desenvolvimento de um sabonete íntimo e de uma nova linha para tratamento capilar, que vai incorporar nanopartículas que tornarão o processo de alisamento menos agressivo e de aplicação mais segura, conta Jair José de Alcântara, proprietário da empresa. Essa nova tecnologia, que poderá motivar mais à frente pedidos de patente pela faculdade, deverá agregar maior qualidade e competitividade à produção, abrindo espaços especialmente no mercado internacional, espera Alcântara.

No começo deste ano, a empresa concluiu ainda a implantação de um sistema de rastreamento, em parceria com a NEC Sistemas, também goiana, que permitirá acompanhar seus produtos desde a saída da indústria até o consumidor. Além disso, a Toollon também investiu na adequação de seu maquinário, que passará a produzir xampus e cremes capilares em embalagens de cinco litros, com consequente ampliação da capacidade, que atualmente gira em torno de 300 mil litros por ano.

Segundo o empresário, a Toollon vem se preparando há dois anos para exportar, ainda sem sucesso, apesar do apoio recebido de parceiros como o Centro Internacional de Negócios da Fieg (CIN) e Sebrae e de sua participação frequente em feiras internacionais.

Jair Alcântara, da Toollon: burocracia e dificuldades no caminho para as exportações

UM PÉ NO BRASIL, OUTRO NO PARAGUAI

A Nutroeste, indústria de nutrição animal com sede em Goiânia, participou da edição de 2011 da Expocruz, em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, e chegou à conclusão, a partir do evento, de que seria melhor investir no Paraguai, afirma o diretor de pesquisas da empresa, Raphael Monteiro, veterinário com mestrado pela University of California, em Davis, e doutorado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), sempre na área de nutrição animal.

Na verdade, Monteiro já prestava assistência técnica a criadores e a empresas paraguaias de agropecuária como consultor, conhecia o mercado e já havia mapeado clientes potenciais naquele país. Isso facilitou a decisão da Nutroeste, que se concentrou na montagem de sua operação no Paraguai ao longo do ano passado, investindo ao redor de R$ 1,5 milhão. A fábrica entrou em operação em setembro, com capacidade instalada para 2,5 milhões de quilos por mês, e atende também aos mercados de Mato Grosso do Sul e do Paraná.

O núcleo, ingrediente de alto valor agregado e que carrega maior conteúdo tecnológico, "segredo" do produto processado pela unidade paraguaia, no entanto, sai da fábrica goiana, que produz 4,5 milhões de quilos de sal mineral, ração, proteinado e núcleo mensalmente. A empresa, que completa 25 anos em 2014, está em busca de capacitação na área de gestão de pessoas e procura ainda alternativas para profissionalizar sua gestão. Com a decisão de investir no Paraguai, a Nutroeste adiou para 2014 seus planos de mudar sua fábrica em Goiânia para o distrito industrial de Goianira, num investimento em torno de R$ 6 milhões. A nova indústria terá capacidade instalada para 6,3 milhões de quilos por mês, quase 15% a mais do que os 5,5 milhões atuais.

Prepare-se para investir na Bolsa!

Curso Virtual - Gravado

Curso Virtual - Ao Vivo

Curso Presencial

Tudo o que você precisa saber para investir em ações, com tranquilidade e segurança!

Cursos a partir de R$ 99,00

Use um leitor de QR Code e saiba mais:

Tel. (11) 3053-2691

info@cmashop.com.br

www.cmashop.com.br

CMA

AINDA SOB AVALIAÇÃO

Indústria prefere esperar pelas próximas faturas antes de comemorar a redução nas tarifas de energia elétrica em vigor desde janeiro

O setor industrial ainda vê com certa desconfiança a redução em até 38% nas tarifas de energia, anunciada pelo governo no final do ano passado e em vigor desde janeiro. "Vamos observar as faturas nesses primeiros três meses, a espera de números mais robustos, para aferir esse impacto", afirma o presidente do Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis e vice-presidente da Fieg, Wilson de Oliveira.

Sua expectativa, apesar de tudo, é otimista. "O reflexo deve ser muito positivo para toda a cadeia da indústria alimentícia, principalmente para as empresas que mais operam com sistemas de climatização", avalia. Na ausência de indicadores mais concretos, o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo), Orizomar Araújo de Siqueira, prefere aguardar, mas espera igualmente uma melhor calibragem nos custos do setor. "Para quem está submetido a uma das tarifas (de energia) mais caras do mundo, qualquer redução será um alívio".

Antônio dos Santos, da Crememel: conta de energia chega com redução em fevereiro

Na Crememel, a fatura de fevereiro, referente ao consumido medido em janeiro, já chegou com redução em torno de 30%, baixando de R$ 210 mil a R$ 220 mil mensais, na média anterior, para R$ 147 mil, afirma o empresário Antônio Benedito dos Santos. "Tivemos dois reajustes no ano passado. Se o desconto pelo menos compensar esses aumentos, já é uma vantagem", comenta.

O impacto de qualquer redução na conta de energia para o setor de extração mineral deve certamente ser positivo, mas as mineradoras ainda não haviam conseguido mensurar a exata dimensão do corte na tarifa, segundo o vice-presidente da Câmara Setorial de Mineração da Fieg, Luiz Antônio Vessani.

BAIXO INVESTIMENTO PREOCUPA SETOR

O Sindicato da Indústria de Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás (Sindcel-GO) considera que a redução da tarifa afetará receitas e margens das concessionárias de energia, penalizando o investimento "necessário ao bom fornecimento de energia", nas palavras de Célio Eustáquio de Moura, seu presidente. "Considerando, que as empresas do setor elétrico já se encontram em dificuldades, um aumento no consumo, advindo desta redução, obrigaria um investimento ainda maior no setor, para evitar uma piora no suprimento", reforça. Moura entende que a medida é importante para os demais segmentos da indústria, ao estimular um "círculo virtuoso" de aumento da competividade. Mas, ressalva, a oferta de energia com qualidade é também imprescindível para a economia como um todo.

Célio Eustáquio: oferta de energia com qualidade também é imprescindível

PEQUENOS GRANDES PRODUTORES

Complem inaugura ampliações e reformas de sua estrutura e estreia no setor de grãos, buscando fortalecer o produtor e o cooperativismo

Nathalya Toaliari

A união leva à competitividade. O slogan anima o presidente do Conselho da Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem), Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa, que também preside o Sindicato das Indústrias de Laticínios do Estado de Goiás (Sindileite). "No cooperativismo, tanto o médio quanto o pequeno produtor têm condições iguais de acesso a insumos e assistência técnica, podendo competir com os grandes produtores no mercado", afirma.

Em fevereiro, a cooperativa inaugurou ampliações, reformas e novas estruturas de apoio à produção, anunciando, entre as melhorias, capacidade para receber e armazenar grãos. "A nossa região tem se desenvolvido muito e grande parte das pastagens precisa ser renovada. Isso pode ocorrer por meio do plantio de grãos, que é uma nova área para o produtor, uma oportunidade a mais que estamos consolidando por meio do constante reforço na estrutura de nossa cooperativa", observa Joaquim Guilherme.

Entusiasmado, ele classifica o momento de "vitória e início de uma nova era" na Complem – responsável pela marca Compleite. "É a representação do esforço coletivo. Há 35 anos um grupo de produtores se reuniu em torno de uma ideia, de uma filosofia cooperativista e estamos agora dando continuidade a tudo isso, entregando benefícios a todos os associados", afirma.

Para 2013, os planos incluem diversificar ainda mais o leque de produtos, investindo na produção de achocolatados e leite condensado. Além disso, há previsão também de investimentos nos supermercados da cooperativa.

Antônio Almeida, Joaquim Guilherme, Pedro Alves e Paulo Vargas: participação no 1º Encontro Cooperativista da Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos

DE PEQUENA COOPERATIVA A GRANDE COMPLEXO

A Cooperativa Mista dos Produtores de Leite de Morrinhos (Complem) surgiu em 1978, por iniciativa de 200 produtores. Hoje, de acordo com informações do presidente do Conselho da Complem, Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa, são mais de 4 mil associados, entre ativos e inativos, e mais de 800 postos de trabalho ocupados, incluindo matriz, filiais e complexo industrial (indústrias de laticínios e de leite longa-vida e fábrica de rações).

São cerca de 300 mil litros de leite captados por dia e transformados em produtos lácteos com a marca Compleite, que atendem ao mercado em Goiás, Brasília, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no Tocantins. A cooperativa atua ainda no varejo com supermercado, boutique, loja agropecuária e depósitos de suprimentos e de ração. Possui dez filiais, além de duas filiais de vendas, localizadas em Aparecida de Goiânia e Brasília.

VIGOR ACIMA DA MÉDIA

Faturamento real da indústria goiana deverá fechar o ano com avanço na faixa dos 6%, superando o crescimento de 4,75% observado em 2012

O tropeço da produção industrial em janeiro, quando a atividade recuou 4% na comparação com o primeiro mês de 2012, não tirou o ânimo da indústria goiana, que espera ampliar suas vendas em torno de 6% neste ano, depois de um avanço de 4,75% nos 12 meses do ano passado. A projeção, segundo o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, leva em conta a demanda elevada por produtos naturais processados, o vigor ainda sustentado pela indústria de produtos farmacêuticos e a expectativa de crescimento mais forte da construção civil.

A se considerar as projeções recentemente anunciadas pelo Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB) para o Produto Interno Bruto (PIB) goiano em 2012, a possibilidade de crescimento mais acelerado para o Estado do que a média da economia brasileira não pode ser descartada também em 2013. Depois de apresentar variação de 1,1% no terceiro trimestre do ano passado, o PIB estadual cresceu 3,5% nos três meses finais, fechando o exercício com elevação de 3,8%, frente a recuo de 0,9% para o PIB brasileiro. A indústria goiana também cresceu mais do que a média, com alta de 3,5% frente a recuo de 0,8% para o setor em todo o País.

Entrevista coletiva na Casa da Indústria: setor em Goiás deverá manter taxas de crescimento acima da média brasileira

Na visão de Pedro Alves, o desempenho do setor no Estado deve ser relacionado ao perfil da indústria goiana, concentrada em bens de consumo e no processamento de minérios e grãos, e à tendência de diversificação do parque industrial, com desembarque de indústrias de porte nos segmentos automobilístico e farmacêutico.

A consolidação do Estado como uma plataforma de distribuição de produtos farmacêuticos para o restante do País e para a América Latina, com a chegada de novos players de peso internacional, a exemplo dos grupos Pfizer e Hypermarcas, o avanço no mercado de genéricos, além de programas federais como o Farmácia Popular, deverão dar sustentação ao setor, avalia Ivan da Glória, presidente do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo).

Ao contrário do que ocorreu no ano passado, a construção civil deverá experimentar reação mais alentada neste ano, com avanço de 6% frente a 2012, segundo o presidente do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO), Justo Oliveira D'Abreu Cordeiro. No segmento de incorporação, Goiânia deverá desempenhar papel mais destacado, influenciando a retomada. No interior, acredita Cordeiro, o impulso maior deverá vir do Sudoeste goiano, principalmente da região de Rio Verde.

Investindo no interior

Sob liderança de Kazuhito Sakurai, diretor presidente da divisão da Japan External Trade Organization (Jetro) em Nova York, agência do governo japonês responsável pela promoção do comércio exterior e pelo desenvolvimento de negócios internacionais, um grupo de 18 executivos de 13 empresas do Japão participou, em Goiânia, no início março, de um seminário de negócios promovido pela Fieg. Sakurai (*na foto, com o presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira*) anunciou que empresas japonesas têm interesse em investir no interior do País, numa estratégia que deverá incluir Goiás, aproveitando os investimentos no Estado dos grupos Caoa/Hyundai e Souza Ramos/Mitsubishi e a chegada mais recente da Suzuki.

Expansão

O Distrito Agroindustrial de Aparecida de Goiânia (Daiag) terá espaço para abrigar mais 54 indústrias, o que poderá significar a criação de 10 mil a 12 mil empregos diretos e perto de 30 mil vagas de forma indireta, nos cálculos da companhia estatal Goiasindustrial. O distrito teve seu espaço ampliado com a inclusão de nova área de 1,6 milhão de metros quadrados. As obras de infraestrutura, incluindo arruamento e pavimentação, além da instalação de redes de água, esgoto e energia elétrica, a cargo da Goiasindustrial, exigirão investimentos de R$ 16,610 milhões e deverão estar concluídas até agosto, segundo previsão oficial.

Árabes e a infraestrutura

As oportunidades de investimento nos setores de infraestrutura e da construção civil e a possibilidade de parcerias também no setor do agronegócio e de produtos farmacêuticos foram destacadas por uma missão comercial árabe formada por 18 embaixadores dos países da região, que participou de seminário na Casa da Indústria no final de fevereiro (*foto*). As conversações para reduzir a intermediação no comércio entre o Estado e os países árabes, segundo o presidente da Câmara de Comércio Árabe-brasileira, Marcelo Sallum, também deverão fazer parte da agenda a ser estabelecida entre o Estado e aqueles países.

Liderança sustentável

Em parceria com o Sesi Goiás, a consultoria Ideia Sustentável, especializada em estratégia e inteligência em sustentabilidade, promoveu, no dia 27 de fevereiro, na Casa da Indústria, o 1º Encontro Regional de 2013 da Plataforma Liderança Sustentável (*foto*). O movimento surgiu para estimular novas lideranças empresariais para a sustentabilidade, segundo o consultor Ricardo Voltolini, idealizador da plataforma. Convidada especial, Andrea Alvares, presidente da Divisão de Bebidas da PepsiCo Brasil, falou sobre o desafio da transparência nos negócios e sobre o conceito de Performance com Propósito.

AO ALCANCE DOS DEDOS

Goiana de nascimento, a Lumine pretende revolucionar os formatos da comunicação em espaços de grande circulação de consumidores

Criada há um ano e meio, a Lumine Soluções Interativas, empresa goiana fabricante de displays, mesas interativas, vitrines holográficas, com tecnologia touch screen, está pronta para estrear oficialmente no mercado, com fôlego suficiente para sacudir os formatos tradicionais de marketing e divulgação em ambientes de alto fluxo de pessoas. Mas o impacto dos produtos e soluções inovadoras preparados nos laboratórios da star-up goiana, assegura Júlio César Vieira de Jesus Júnior, sócio da empresa e responsável pela área comercial e de marketing estratégico, também poderá ser percebido na indústria, envolvendo de forma integrada desde os departamentos ligados à gestão do negócio até o chão de fábrica.

Até o momento, os sócios já investiram em torno de R$ 850 mil na criação e desenvolvimento de equipamentos e softwares, assim como na estratégia de marketing criada para atrair os primeiros clientes. Neste ano, afirma Vieira, a Lumine espera concluir as parcerias que já vêm sendo negociadas com grandes centros de compra em todo o País para a colocação de seus produtos. "A empresa compôs um display interativo touch screen de modo a revolucionar a exposição e a comunicação em locais de grande circulação de pessoas", afirma.

A equipe de especialistas e técnicos da Lumine desenvolve, neste momento, a tecnologia que deverá incrementar ainda mais o conceito de interatividade, permitindo que o consumidor literalmente leve para casa a informação disponibilizada nos displays por meio de seu smart phone ou tablets. Numa segunda vertente do negócio da Lumine, prossegue Vieira, as soluções interativas podem ser customizadas segundo a necessidade e a demanda do cliente.

Na área industrial, as aplicações são "múltiplas e quase infinitas", afirma, com soluções para monitoramento da produção, prevenção de perdas e comunicação interna, entre outras. Uma tela touch screen em formato grande, por exemplo, pode assegurar, por meio de um software personalizado, que os funcionários acessem a relação de tarefas do dia ou dos trabalhos a concluir, com diagramas apresentando o rendimento diário e uma "melhor parametrização tanto de tarefas quanto de dados relacionados à qualidade da produção", entre uma série de outras informações em tempo real.

"A empresa compôs um display interativo touch screen de modo a revolucionar a exposição e a comunicação em locais de grande circulação de pessoas"

Júlio Vieira Júnior, *sócio da Lumine Soluções Interativas*

EXPANSÃO SOBRE BASES SÓLIDAS

Com crise ou sem crise, a Goiarte investe em modernização, diversificação de produtos e ampliação de sua indústria

Goiarte: uma empresa com vocação para a modernização e o crescimento desde sua criação, há 52 anos

As dificuldades enfrentadas no ano passado pelo mercado de pré-fabricados de concreto não abateram os sócios Sérgio Ávila e Marley Rocha, que já engatilharam, ainda em 2012, o novo ciclo de investimentos e expansão da Goiarte, empresa controlada por eles desde abril de 1992, há praticamente 21 anos, portanto. A linha de blocos de concreto da indústria ganhou novas máquinas, compradas em 2012 e instaladas neste início de 2013, num investimento de R$ 3,2 milhões. O setor de tubos será reforçado ainda neste ano com a implantação de novo maquinário, num desembolso de mais R$ 1,3 milhão.

No total, a Goiarte receberá um investimento de R$ 4,5 milhões que, além de modernizar suas linhas, vai ampliar a capacidade de produção em praticamente 12%. Como resultado dessa expansão e também em função da expectativa de uma reação na economia nos próximos meses, Marley Rocha trabalha com a perspectiva de aumentar o faturamento de sua indústria em 18% na comparação com 2012. Na verdade, a vocação para crescer, modernizar a produção e diversificar o portfólio de produtos está inscrita no DNA da indústria, criada originalmente em janeiro de 1961, por Nelson Geraldo Fernandes.

Quando Marley Rocha e os sócios adquiriram a empresa, pouco mais de três décadas depois de sua criação, a Goiarte já produzia ladrilhos, meio fio, tubos para galeria de água pluvial, sempre em concreto, processando em torno de 2 mil metros cúbicos de concreto por ano e empregando oito pessoas em sua indústria na avenida Bernardo Sayão, em Goiânia, numa área de 6.670 metros quadrados. "A produção estava quase paralisando quando compramos a empresa", recorda-se.

Em 1993, foi iniciada a construção de uma nova fábrica para a produção de tubos de concreto no Distrito Agroindustrial de Aparecida de Goiânia (Daiag), num terreno de 29,6 mil m² de área total, ocupando um galpão, inicialmente, com 600 m². A fábrica da Bernardo Sayão foi desativa em 1997 e passou a abrigar os setores de administração e de vendas da empresa até a mudança definitiva para um novo bloco construído em 1999 no Daiag, onde a fábrica já operava. Nesta mesma época, reconta Marley Rocha, a empresa construiu seu show room na Avenida Z, no Setor Aeroporto, que ali permaneceu até 2005, quando foi transferido para instalações mais amplas e modernas na avenida T-1, no Setor Bueno.

"A fábrica veio sendo ampliada e modernizada nesse período, com a expansão do mix de produtos e do parque fabril. Hoje, estamos num terreno de 108 mil m², com 16 mil m² de área construída", detalha Marley Rocha. A Goiarte dispõe de capacidade para processar 60 mil m³ de concreto, empregando diretamente 220 pessoas – antes da mais recente expansão.

Delegada Helô faz moda

O sucesso dos cintos usados pela delegada Helô, personagem de Giovanna Antonelli na novela Salve Jorge, impulsionou as vendas dos produtos da indústria de Leonardo Hayashida do Prado e de sua mulher, Vanessa de Cássia Bittencourt. O casal comemora oito anos de sua Transcouros, no Setor Sol Nascente, em Goiânia. Os cintos femininos, carro-chefe da fábrica, são enviados a representantes na Bahia, em Mato Grosso, São Paulo, no Acre e em outros Estados. A matéria-prima de qualidade vem do curtume de peles que o pai dele, Hamilton Natsuo Hayashida, fundou há mais de três décadas, em Aragoiânia. A próxima empreitada será exposição de produtos em feiras paulistanas, como Francal e Couromoda.

Móveis

O empresário Antônio Valentino de Souza (Nobre Móveis) participa, em Bento Gonçalves (RS), da Feira Internacional de Máquinas e Acessórios para a Indústria Moveleira (Fimma). Em sua indústria, em Anápolis, ele fabrica móveis para escritório (linhas metal e madeira, além de estofamentos diferenciados), sua especialidade, que são fornecidos para Distrito Federal, Minas Gerais e Bahia.

Na Itália

Empresários goianos participaram da Cosmoprof Worldwide, realizada de 5 a 15 de março, em Bolonha (Itália). Presidente do Sindquímica, que apoiou a missão juntamente com a Fieg e o Sebrae, Jaime Canedo conta que este ano levou dez empresas, seis a mais que em 2012. Maior do mundo no segmento, a feira é realizada três vezes por ano em diferentes continentes: Itália (março), Los Angeles (julho) e Tailândia (novembro). Todos voltaram com uma constatação: as empresas locais precisam de investimentos em distribuição e embalagem. O empresário já pensou na solução para o problema, que exige foco em design. "Vamos para a China agora comprar diretamente de fornecedores que conseguem atender à demanda mundial", adiantou.

A três mãos

As irmãs Alessandra, Janaína e Karinne (Goiás Cabos Elétricos) dividem-se no comando da indústria de condutores de alumínio. Desenvolvido com tecnologia de ponta na fábrica, no Parque Industrial Paulista, em Goiânia, na saída para Trindade, o produto final, adquirido por empresas como a Celg, passa sempre por supervisão de Jeová Moreira, pai delas, que agora pode dedicar mais tempo a sua outra faceta que adora: de fazendeiro.

Pedreira

Khalil Fernando Tum, empresário de Jataí, e a mulher, a psicóloga Zeila Assis, comemoram 13 anos de sua indústria, a Pedreira Rio Claro, em Anápolis, empreendimento que ele comanda juntamente com a Rio Claro Engenharia de Concreto Ltda. O produto final tem como principal destino a construção civil de Goiás e Mato Grosso.

Casa Cor

A Casa Cor Goiás 2013, projeto de Eliane Martins e Sheila Podestá que chega a 17ª edição, foi lançada dia 12 de março no prédio da Biblioteca do Centro Cultural Oscar Niemeyer. No evento, os convidados – entre eles industriais locais que integram a mostra de arquitetura e de decoração – conheceram as novidades que serão exibidas entre 16 de maio e 25 de junho. A mostra será na Rua 15 com a Rua T-55, no Setor Marista.

Cortinas

Ana Carolina Novais Rodrigues e o marido Segismundo Venino da Cunha costumam dizer que fabricam e vendem sonhos. Donos da Abaflex Cortinas e Persianas, os empresários consideram essa a receita do sucesso de uma década de atuação em Goiás. Mercados como o do Distrito Federal e do Pará são outras conquistas motivo de orgulho do casal, que começou o ano com trabalho duro para atender pedidos da cortina prega americana, ícone de luxo e sofisticação líder dos pedidos hoje.

Em palácio

Pedro Alves de Oliveira e sua mulher, Suely Paranaíba (*centro*), ao lado do governador Marconi Perillo, anfitrião na festa de aniversário de 50 anos dele, realizada no Palácio das Esmeraldas, dia 8 de março. O show de Jorge Ben Jor animou madrugada afora os convidados, como Justo Cordeiro e Regina e Jales Fontoura, com eles na foto.

giro pelos sindicatos»

» SIMAGRAN

Gestão empresarial - 1

O Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás (Simagran), Senai, Instituto Euvaldo Lodi e Sebrae iniciaram, em março, a segunda etapa do Projeto de Gestão Empresarial, com participação de 11 empresas do setor de marmoraria. O objetivo do projeto é qualificar empresários e o setor de administração das empresas, além de reorganizar sua estrutura física em busca de ganhos de competitividade. A atividade terá duração de 12 meses, incluindo na agenda gestão de pessoas, de qualidade e financeira.

Gestão empresarial - 2

Na sequência, adianta Eliton Rodrigues Fernandes, presidente do Simagran, está prevista a realização de um projeto para qualificação e certificação das indústrias de rochas ornamentais, que deverão receber um selo de garantia. "Nosso empenho é para agregar a cada dia número maior de empresários. Somente com empresas organizadas e competitivas o setor poderá se fortalecer, tornando-se mais seletivo e competitivo", afirma Fernandes.

Calendário 2013

O Simagran já estabeleceu o calendário para as reuniões sindicais, iniciadas no dia 26 de março. Os próximos encontros estão agendados para os dias 30 de abril, 28 de maio, 25 de junho, 30 de julho, 27 de agosto, 24 de setembro, 29 de outubro, 26 de novembro e 17 de dezembro. As reuniões serão realizadas no auditório do 4º andar do Palácio da Indústria, na Avenida Anhanguera.

» SIMMEA

Convenção coletiva

O presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simmea), Robson Braga, informa que a Convenção Coletiva de Trabalho, vigente no período de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 2013, firmada com o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis, foi protocolada na Gerência Regional do Trabalho em Anápolis em janeiro. Para o presidente do Simmea, Robson Braga, a negociação com a classe laboral se deu em bom termo e de forma ágil, resultando em avanços para ambas as partes.

» SIMELGO

Em clima de boteco

O Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás (Simelgo) promoveu festa de confraternização para associados e convidados com clima de boteco. O "Botequim do Simelgo" foi montado no salão nobre do Sesi Clube Ferreira Pacheco, que além da decoração temática, também recebeu o legítimo samba raiz. Cerca de 320 pessoas participaram da festa, incluindo o presidente da Fieg, Pedro Alves, e sua esposa, Suely Paranaíba de Oliveira Castro, na foto com o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira, o assessor técnico Welington da Silva Vieira, Nilda de Sá e Hélio Naves, vice-presidente do Simelgo. Em pé, a empresária Maria Iracema Abud Alves Riemma (Metalfort), com o marido Waldomiro Riemma, o presidente do Simelgo, Orizomar Araújo Siqueira, e sua esposa, Suely de Carvalho Siqueira, Terezinha e Hélio Naves Júnior.

Ciclo de palestras

Temas como legislação trabalhista, tributária, financiamentos e linhas de crédito estão na pauta do ciclo de palestras que o Simelgo promove neste ano. A primeira palestra (foto), no dia 28 de fevereiro, tratou do tema Fiscalização Digital - o Cenário Sped em Goiás e no Brasil, com Fábio da Silva e Almeida, mestre em Ciências Contábeis e Autuariais pela PUC-SP e Ricardo Lopes Cardoso, Doutor em Contabilidade e Controladoria pela USP. No dia 14 de março, o advogado e presidente do Instituto de Direito do Trabalho, Rafael Lara Martins, falou sobre Como Evitar Problemas Trabalhistas. Informações sobre inscrições e sobre as próximas palestras pelo telefone (62) 3224-4462 ou pelo email contato@simelgo.org.br.

Capacitação profissional

Numa parceria entre Simelgo, Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Goiânia (SindMetal-GO) e Senai, os cursos de qualificação de soldador previstos para este ano já têm turmas garantidas. Três delas já iniciaram os trabalhos ainda no primeiro trimestre. O empresário interessado em qualificar seus trabalhadores deve entrar em contato com a equipe do SindMetal para garantir suas vagas nas próximas turmas.

Mac&Tools

Com apoio do Simelgo, a Mac&Tools, feira do setor industrial metal-mecânico, voltada para o fomento de novos negócios e promoção de novas tecnologias na Região Centro-Oeste, será realizada entre 18 e 21 de junho, no Centro de Convenções de Goiânia. Mais detalhes no site do evento: *www.feiramactools.com.br.*

SINDIREPA-GO

Programa Empreender

Quinzenalmente, o Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa-GO), em parceria com o Sebrae, realiza reuniões do Programa Empreender, com o objetivo de identificar e diagnosticar problemas e buscar soluções para o setor no Estado. Entre outros exemplos das ações já realizadas no âmbito do programa, com apoio do Senai, foi possível estabelecer uma licença ambiental para todo o segmento em Goiânia.

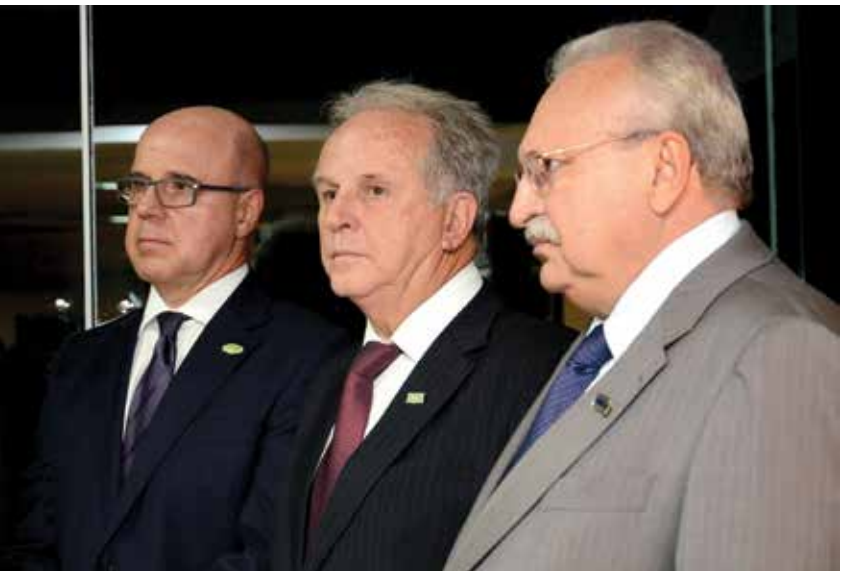
Desoneração

Empossado em novembro passado como diretor do Sindirepa-GO e presidente do Conselho Temático de Relações do Trabalho da Fieg, por indicação do sindicato, o empresário Sílvio Inácio da Silva (*foto*) considera bastante positiva a desoneração da folha salarial das empresas, mas ressalva que a medida poderia ter vindo antes. "A indústria precisa pagar menos impostos para aumentar produção, contratar mais trabalhadores e gerar mais renda na economia brasileira. Com a redução dos custos, vamos aumentar a competitividade do produto nacional e toda sociedade sai ganhando", afirma Sílvio Inácio.

SINPROCIMENTO

Caravana

O Sindicato das Indústrias de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento) abriu inscrições para a caravana que participará da 7ª edição da Concrete Show, maior feira especializada em produtos de concreto da América Latina, que será realizada entre 28 e 30 de agosto, no Centro de Exposições Imigrantes, em São Paulo. A caravana sairá de Goiânia no dia 29 de agosto, retornando no dia 31. Informações pelos telefones (62) 3224-0456 e 8458-9648 ou pelos endereços eletrônicos siac@sistemafieg.org.br e contato@produtosdecimento.com.br.



» SECONCI

Nova sede

A nova sede do Serviço Social da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Seconci-GO) foi inaugurada em fevereiro, com participação do vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), José Carlos Martins, do presidente da Fieg, Pedro Alves de Oliveira, e do presidente do Sinduscon-GO, Justo D'Abreu Cordeiro (*foto*). O presidente do Seconci-GO, Moacyr Moreira, recebeu ainda o vice-governador José Eliton Figueredo, os senadores Wilder Pedro de Morais e Cyro Miranda, e o vice-prefeito Agenor Mariano, além de representantes das construtoras associadas à entidade.

Baixa renda

O Sinduscon-GO e a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) promoveram, em 28 de fevereiro, no Teatro Sesi, o seminário Panorama da Habitação para a Baixa Renda - das Políticas Públicas ao Desempenho e Sustentabilidade, numa organização da Comunidade da Construção de Goiânia, com o apoio da UFG, Fieg e do Crea-GO.

» FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Contratos de trabalho

Os sindicatos das indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa), da Construção e Mobiliário (Sicma), Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico (Simmea), do Vestuário (Siva), Farmacêuticas (Sindifargo) e de Cerâmica (Sindicer-GO), com apoio da Fieg Regional Anápolis e do Senai, realizaram no dia 21 de fevereiro a palestra Conhecendo e Melhorando seu Contrato de Trabalho, ministrada pelo advogado Rafael Lara Martins, consultor da Fieg e presidente do Instituto Goiano de Direito do Trabalho. A iniciativa faz parte do Programa de Desenvolvimento Associativo (PDA).

» SIAA

Reforço às ações sindicais

A diretoria do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa), em sua primeira reunião ordinária de 2013 (*foto*), realizada no início de fevereiro, debateu estratégias para reforçar as ações sindicais, com o objetivo de ampliar sua base de filiados. O presidente da entidade, Wilson de Oliveira, ressaltou que hoje é grande o número de serviços disponibilizados pelo Sistema FIEG (Sesi, Senai, ICQ Brasil e IEL) aos empresários e trabalhadores das indústrias, sendo que o sindicato é um parceiro fundamental para que esses serviços atendam às demandas do setor produtivo. Durante a reunião, foi também apresentado o relatório financeiro da entidade, relativo ao ano de 2012, que servirá de base para a prestação de contas que será feita em assembleia.

SICMA

Força às parcerias

O Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) e a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP) estão trabalhando para a realização de um grande seminário, em Anápolis, sobre mobilidade urbana. A iniciativa é um desdobramento do Seminário de Acessibilidade, realizado em 2009, quando houve o lançamento do Guia Prático para a Construção de Calçadas. Em outra parceria, desta vez com o Sebrae, o sindicato apoia o Projeto Setorial Indústria Moveleira, que tem como objetivo fortalecer o setor com a aplicação de ferramentas de gestão da qualidade e dos negócios.

SINDIFARGO

Coleta de medicamentos

O presidente executivo do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo), Marçal Henrique Soares, participou, em Brasília, na sede da Anvisa, no dia 22 de fevereiro, da nona reunião do Grupo de Trabalho Temático (GTT) de Medicamentos (*foto*). Durante a reunião foram apresentados os dados parciais da Coleta Amostral de Medicamentos Vencidos e Sobras, que está sendo desenvolvida em 13 Estados brasileiros, dentre eles Goiás, desde setembro do ano passado. No Estado, a coleta terminou em março. Ainda na reunião, foram também apresentados os estudos de viabilidade técnica e econômica e a minuta do edital de chamamento para o acordo setorial para implantação do sistema de logística reversa até 2014, conforme a Política Nacional de Resíduos Sólidos.

SINVEST

Polo atacadista

Em visita técnica ao polo de shoppings atacadistas de Maringá (PR), o presidente do Sindicato das Indústrias do Vestuário do Estado de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, pôde observar toda a estrutura instalada especialmente para receber compradores de vários Estados e também de outros países, incluindo hotéis, restaurantes e serviço de translado entre o aeroporto da cidade e o polo. Arruda reuniu-se ainda com o presidente do Sindivest-PR, Cassio Murilo de Almeida, representante da indústria do vestuário naquele Estado, e com o empresário Fábio Pacheco, da Petra – Gestão Empresarial. "Trocamos experiências e conheci as ações e eventos realizados pelo sindicato para fortalecer o segmento da moda no Paraná", comenta Arruda.

Cadeia da moda

O Sinvest e a Associação de Joalheiros e Profissionais Afins do Estado de Goiás (Ajogoiás) reuniram-se no dia 7 de março na Fieg como parte do trabalho desenvolvido pelo sindicato de aproximação com todos os segmentos da cadeia produtiva de moda no Estado. A proposta, reforçam os presidentes do Sinvest, José Divino Arruda, e da Ajogoiás, Antônio Carlos dos Santos, é fazer com que Goiás volte a ser referência nesta área em todo o País, reforçando a indústria e o comércio da moda em todo o Estado, além de abrir mercados no restante do País.

SINDICER-GO

Pauta cheia

O Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicer-GO) abriu o calendário de reuniões ordinárias de 2013 com pauta cheia. Na oportunidade, o biólogo Carlos Gardel detalhou o andamento do projeto do EIA/RIMA para a Área de Proteção Ambiental do João Leite. O técnico do Departamento Nacional de Produção Mineral em Goiás Ricardo de Freitas Paula apresentou projeto de parceria com o sindicato para o cadastramento de olarias e cerâmicas do Estado. Foi discutida ainda a realização de um seminário regional abordando temas de interesse do setor.

"Grandes conquistas tecnológicas comumente falham comercialmente porque pouca atenção tem sido dada à concepção de um modelo de negócios para levá-las ao mercado".

Aline Figlioli
Superintendente de Desenvolvimento Tecnológico, Inovação e Fomento à TI da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de Goiás

GESTÃO PARA A INOVAÇÃO

O Programa Gestão para o Empreendedorismo Inovador, uma ação realizada pelo Núcleo de Pesquisas em Inovação, Gestão Tecnológica e Competitividade (InGTeC) da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da USP e promovida pela Fieg, trouxe para Goiânia como um de seus componentes a disciplina Organização Baseada na Inovação, que tratou de quatro perspectivas das organizações inovadoras: estrutura organizacional, aprendizagem e criação de conhecimento, capacidade para mudanças e adaptação e modelo de negócio.

Ao trabalhar questões relacionadas a essas quatro perspectivas, as organizações encontram mecanismos para efetivamente promover a inovação dentro da empresa. "Não basta falar sobre inovação, é preciso respirá-la" (Gibson; Skarzynski, 2008). Essa máxima nos coloca à frente de um desafio: os métodos empresariais devem potencializar, ao invés de engessar, o processo de inovação.

O que se pode esperar em termos de geração de projetos inovadores quando os colaboradores da empresa estão presos a departamentos funcionais nos quais a avaliação individual se sobressai ao resultado final do projeto, onde a linha hierárquica é tão longa que decisões são morosas, onde a remuneração e benefícios estão atrelados ao desempenho da tarefa e não ao resultado do projeto? Times de projeto com maior autonomia, redução de hierarquias que permita maior rapidez na tomada de decisão, estímulos ao comprometimento do time, alocação de recursos flexível, promoção de competências que realizem o atendimento a múltiplas demandas, desenvolvimento de habilidades funcionais e gerenciais: essas são algumas das características das unidades organizacionais que potencializam a geração e os resultados dos projetos inovadores.

Considerando o grau de complexidade envolvido em tais projetos (que dependem não só dos técnicos especialistas, mas do pessoal de marketing e finanças), mecanismos de interace organizacional, tais como o estabelecimento de reuniões inter e intra-áreas, a movimentação de pessoal, a implantação de redes sociais corporativas, são não somente bem-vindos, como necessários.

Perceba que aqui não estou tratando somente de inovação tecnológica, mas também a inovação em modelo de negócio! Grandes conquistas tecnológicas comumente falham comercialmente porque pouca atenção tem sido dada à concepção de um modelo de negócios para levá-las ao mercado (TEECE, 2010).

Uma ferramenta interessante para compreender o modelo de negócio da empresa e, ao mesmo tempo, levar a uma discussão sobre o que se pode fazer diferente para atender às necessidades específicas dos clientes é o Canvas. Modelo elaborado pelos professores Osterwalder e Pigneur apresenta nove componentes, que vão da identificação do segmento de clientes atendidos à estrutura de custos (vale a pena dar uma olhada no site http://www.businessmodelgeneration.com/). Mas, lembre-se, é uma ferramenta de análise estratégica que, apesar de visualmente simples, demanda um bom tempo de reflexão e conhecimento da empresa e de mercado.

Sorte e sucesso!!!

ESCOLHAS E DECISÕES FAZEM PARTE DA VIDA.

Na hora de buscar estágio, decida por quem é especialista no assunto.

sistemafieg/ascom

Quem pode ser estagiário?

- A partir de 16 anos
- Estudantes dos níveis médio, técnico e superior

Carga horária do estágio

- Até 6 horas/dia e 30 horas semanais

www.sitedoestagio.com.br

Venha conhecer nosso Programa de Estágio e faça parte do time de profissionais que têm estágio no currículo.

O estudante cadastrado no programa e em estágio participa do Prêmio IEL de Estágio e faz gratuitamente, cursos online.

FIEG IEL

edital

SENAI SESI

de Inovação **2013**

Inovação.

A ideia que coloca sua indústria em destaque.

Até R$ 400 mil em recursos não reembolsáveis por projeto.

O SENAI e o SESI oferecem assessoria completa na elaboração e execução do projeto.

Vem aí o Edital de Inovação 2013.
O caminho mais curto para alavancar a competitividade da indústria. Saia na frente!

Informações (62) 3219-1392/1429
ou www.editaldeinovacao.com.br | inovacao@sistemafieg.org.br

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL

SESI SENAI

60 anos SESI

Sistema Fieg/Ascom